



VNiVERSIDAD
D SALAMANCA

CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL

FACULTAD DE FILOLOGÍA

GRADO EN ESTUDIOS PORTUGUESES Y BRASILEÑOS

Trabajo de Fin de Grado

«Uma achega para o estudo da *Visão de Tündalo* em português (séculos XIV-XV):
análise linguística das duas versões
remanescentes».

Autor/a: Inés Velázquez Puerto.

Tutor/a: Ana María García Martín

Salamanca, 2020.



VNiVERSIDAD
DSALAMANCA

CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL

FACULTAD DE FILOLOGÍA

GRADO EN ESTUDIOS PORTUGUESES Y BRASILEÑOS

Trabajo de Fin de Grado

«Uma achega para o estudo da *Visão de Tündalo* em português (séculos XIV-XV): análise linguística das duas versões remanescentes».

Autor/a: Inés Velázquez Puerto.

Firma

Tutor/a: Ana María García Martín.

VºBº

Firma

GARCIA
MARTIN ANA
MARIA -
35317173Y

Firmado digitalmente por GARCIA
MARTIN ANA MARIA - 3531 71 73Y
Nombre de reconocimiento (DN):
c=ES,
serialNumber=IDC25-3531 71 73Y,
givenName=ANA MARIA,
sn=GARCIA MARTIN, cn=GARCIA
MARTIN ANA MARIA - 3531 71 73Y
Fecha: 2020.07.09 16:08:14 +02'00'

ÍNDICE.

1. Introdução.....	pp.4-8
1.1. <i>Surgimento e transmissão da «Visão de Tündalo»</i>	pp.4-6
1.2. <i>A questão da periodização da história da língua portuguesa</i>	pp.6-8
2. Caraterização linguística do texto de ALC_462.....	pp.9-18
3. Caraterização linguística do texto de ALC_211.....	pp.19-26
4. Considerações finais.....	pp.26-33
4.1. <i>A tipologia dos textos do português arcaico: a documentação em prosa literária</i>	pp.26-27
4.2. <i>Um lugar para o contraste: a comparação linguística das duas versões portuguesas da «Visão de Tündalo»</i>	pp.27-33
5. Bibliografia.....	pp.33-34
6. Anexos.....	pp.35-38

1. INTRODUÇÃO.

1.1. *Surgimento e transmissão da «Visão de Túndalo».*

Embora a finalidade deste estudo seja mais próxima a uma abordagem histórico-linguística dos textos da *Visão de Túndalo* contidos nos códices ALC_211 (editado por Esteves Pereira) e ALC_462 (editado por José Joaquim Nunes)¹, resulta imprescindível, em primeiro lugar, referir a origem «latina» do texto da *Visão de Túndalo* e a história da sua transmissão. Pela variedade das suas passagens e das suas descrições *A Visão de Túndalo* é considerada uma das mais interessantes descrições medievais dos três reinos eternos. Existe um «original» latino no qual se diz que a *Visão* teve lugar no ano de 1149 e que em época muito próxima, um religioso chamado *Marcus* decidiu fixá-la em prosa latina. O texto latino procederia de um outro de origem irlandesa, assunto problemático, pois *Marcus* continuamente refere: «*Scripsimus vobis fideliter. prout nobis ipse qui haec viderat eandem visionem retulit*». Do que se deduz que *Marcus* primeiro escreveu o texto em irlandês para o seu próprio uso e depois o traduziu para o latim; ou que as palavras «*Scripsimus vobis fideliter...*» se referem a um outro autor, que escreveu o «original» em irlandês e sejam parte da tradução que *Marcus* fez para o latim. Talvez seja apenas um jogo literário, pois é mais simples acreditar em uma história e aplicar os seus ensinamentos se alguém afirma tê-la ouvido dos seus próprios protagonistas.

São muitos os manuscritos que conservam e transmitem íntegro, incluídos prólogo e *explicit*, o texto de *Marcus*². É *Vincent de Beauvais* quem um século mais tarde inclui a *Visão de Túndalo* na sua obra *Speculum Historiale*, cujo carácter enciclopédico obriga ao autor a fazer uma revisão do texto para adaptá-lo aos interesses da sua compilação, e termina por excluir parte do prólogo:

conservando soltanto dagli ultimi periodi de esso l'indicazione dela data; sopprime nel corso dela narrazione i: com'egli stesso mi ha detto, como ho udito dela boca di colui che pati, che vide ecc; sopprime il breve epilogo, in cui lo scrivente si raccomanda alle orazioni della badessa; a dir breve, fa sparire il nome di Marco ed ogni passo allusivo alle personali relazioni di lui. Riduce poi la leggenda a proporzioni um po' più modeste, non però riducendo il tutto in forma concisa, ma con procedimento più speditivo, più meccanico [...] In tutto ciò che resta il dettato di Marco si conserva quase intatto [Mussafia 1871, 161].

¹ Vejam-se os seus estudos: Esteves Pereira 1895, 97-120 e Nunes 1903, 139-262.

² Um listado completo e bastante exaustivo de todos os manuscritos pode ser consultado em Mussafia 1871, 159-166.

Segundo Esteves Pereira [1895, 97-101] esta nova versão de *Vincent de Beauvais* produz no século XIII o surgimento de uma outra série de manuscritos derivados desta lenda adaptada no *Speculum Historiale*. Na Biblioteca Nacional de Lisboa conserva-se um esplêndido exemplar do *Speculum majus* em três volumes³. O códice data do século XV e no livro XXVIII, caps. LXXXVIII-CIV, aparece uma *Visio Tundali*. Além disso existem outros resumos desta lenda derivados, na maior parte dos casos, do original latino de *Marcus*; é o caso de dois textos conhecidos como *Visio Tundali* e *Apparitio Tundali*, ambos suprimem o prólogo e começam pelas mesmas palavras: «*Cum anima mea corpus exuerat*». O texto latino espalha-se pela «Europa» medieval originando muitas outras versões em línguas vernáculas entre os séculos XIII e XVI. Geralmente procedem do texto de *Marcus*, mas também existem textos que descendem da versão do *Speculum Historiale*. Conservam-se traduções em português, castelhano, provençal, francês, italiano, alemão, holandês, sueco e sérvio. Mais ainda é imprescindível mencionar a versão (inédita quando Esteves Pereira publica o seu estudo) irlandesa do ms. H-3-18 do *Trinity College*⁴, pela sua importância «para resolver a questão de saber se o texto original da lenda foi irlandês ou latino» [Esteves Pereira 1895, 99].

As duas versões portuguesas da *Visão de Tundalo* conservam-se em dois códices pertencentes ao mosteiro de Alcobaça: ALC_211 e ALC_462⁵. Acham-se hoje na Biblioteca Nacional de Portugal, o primeiro, e o segundo, na Torre do Tombo. O códice ALC_211 é uma compilação que também inclui o *Catecismo da Doutrina Cristã*, o *Virgem de Consolação* e o *Tractado das meditações de São Bernardo*⁶. A *Visão de Tundalo* ocupa os fols. 90v-104v. O códice ALC_462, reúne uma compilação de vidas de santos denominada *Coleção Mystica de Fr. Hylario*

³ O *Speculum Majus* (Espelho maior) é uma conhecida e importante «enciclopédia medieval» composta por *Vincent de Beauvais* no século XIII. Reuniu grande parte dos conhecimentos da época. Estruturalmente a obra se compõe de três partes: *Speculum naturale*, *Speculum doctrinale* e *Speculum historiale*.

⁴ Cf. Friedel, V.-H., & Kuno Meyer, *La Vision de Tondale, textes français, anglo-normand et irlandais*, Paris: Librairie Honore Champion, 1907. Acessível [aqui](#).

⁵ Ainda é possível encontrar os códices nomeados pelas suas antigas referências: 244 para ALC_211 e 266 para ALC_462.

⁶ Trata-se de um volume encadernado, manuscrito em pergaminho que contém 104 folhas de 270x210mm, a parte escrita compõe-se de uma única coluna de 200x170mm. O tipo de letra é gótico e no próprio códice indica-se que é traduzido para português por *Frei Zacharius de Payopéllé*.

de Lourinhã⁷, Monge Cisterciense de Alcobaça, o qual transcreveo o seguinte no idioma Português⁸. O texto da *Visão...* ocupa os fols. 124r-137r [Esteves Pereira, 1895, 99-101]. A datação de ambos os códices é assunto de discussão. Através da análise linguística dos dois textos, pretende-se aportar algumas achegas a tal discussão⁹.

Para pôr fim à introdução é preciso assinalar –com o objetivo de abrir as portas a estudos posteriores–, que, embora os textos transmitam a mesma história, fazem-no de formas muito diferentes, o qual parece indicar que provavelmente provenham de fontes distintas, por isso se decidiu falar em versões (portuguesas) da *Visão de Tândalo* e não em testemunhas.

1.2. *A questão da periodização da história da língua portuguesa.*

Segundo os estudos de Nunes e Esteves Pereira, referidos nos parágrafos anteriores, os textos da *Visão de Tândalo* situar-se-iam no período denominado como *português antigo* ou *arcaico*: «Denominamos aqui *português arcaico* o período histórico da língua portuguesa que se situa entre os séculos XIII e XV. A simplicidade dessa afirmativa recobre alguma discussão que merece ser apresentada, mesmo de uma forma que esteja longe de esgotar a questão» [Mattos e Silva 1991, 15]. Mas como a citação da eminente linguista brasileira avanta é discutida a possibilidade da subdivisão do período arcaico da língua portuguesa:

Leite de Vasconcelos limitava-se nos inícios deste século a designar esse período pela expressão única de *português arcaico*. Já Carolina Michaëlis de Vasconcelos com base na produção literária medieval portuguesa subdivide esses três séculos: *o período trovadoresco até*

⁷ «Embora no início do códice alcobacense 462 se afirme que a tradução dos textos nele existentes foi obra de Frei Hilário (de quem praticamente nada sabemos, à exceção de que era natural da Lourinhã e monge no Mosteiro de Alcobaça), tal dado não parece fiável. De facto, embora, em termos paleográficos, o manuscrito seja datado do século XV, alguns textos nele incluídos possuem uma linguagem mais antiga e há três letras diferentes, o que indicia que os copistas foram pelo menos três, é possível que os três tenham trabalhado no *scriptorium* de Alcobaça durante o tempo em que foi abade do mosteiro D. Estêvão de Aguiar (entre 1431 e 1446), competindo a frei Hilário a compilação dos textos e eventualmente a cópia ou tradução de alguns» Em *Scrinium*, acessível [aqui](#).

⁸ Códice também manuscrito em pergaminho com tipografia gótica, compõe-se de 171 folhas de 266x178mm, a parte escrita ocupa uma única coluna de 198x124mm.

⁹ Segundo o estudo de Esteves Pereira (1895, 97-101) prévio à edição do texto da *Visão de Tândalo*, os códices ALC_462 e ALC_211 têm sido, geralmente, datados no século XV, mas a verdade é que ambos os códices contêm textos de épocas diferentes, *i.e.*, embora os textos tenham sido copiados no século XV é possível que alguns deles procedam de manuscritos mais antigos.

1350 e o período do *português comum* ou da *prosa histórica*. Essa posição foi aceita por Serafim da Silva Neto na sua *História da Língua Portuguesa*. L. F. Lindley Cintra opõe ao *português antigo*, do século XIII às primeiras décadas do XV, o *português médio*, daí até as primeiras décadas do século XVI. Outros estudiosos do português, como Pilar Vázquez Cuesta, fazem a mesma delimitação temporal, mas adotam a designação de *galego-português* e de *português pré-clássico* [*Ibidem* 17-18].

Do mesmo modo Jaime Ferreira da Silva e Paulo Osório consideram a existência de duas fases linguísticas no período compreendido entre os séculos XIII e XVI: «Nestes três séculos medievais, o português teve duas fases linguisticamente marcantes, o que nos leva a dividi-la em dois subperíodos: o do *português arcaico, antigo* ou *galego-português* e o do *português médio* ou *pré-clássico*» [2008, 59]. Assim, para os linguistas, o período do *português arcaico, antigo* ou *galego-português* abrange os séculos XIII - XV:

Este subperíodo vai de 1214 até fins do séc. XIV/ inícios do séc. XV, sendo esta denominação da autoria de Leite de Vasconcelos, preferível, em nosso entender, à terminologia de «galego-português» usada por Vázquez Cuesta e Teyssier, em virtude de essa suposta unidade linguística galego-portuguesa, como veio a revelar Maia (1986), baseada no estudo de um *corpus* de 168 documentos não literários, de Galiza e do Minho, escritos entre 1255 e 1516, só existia, já no séc. XIII, a nível da linguagem artificial da lírica, sendo a polimorfia que dominava mais acentuada na Galiza, a norte do Minho, do que a Sul desse rio fronteiro [...] no centro de Portugal, na região compreendida entre Coimbra e Lisboa, se vão fundindo as tradições linguísticas galegas, do Norte, com as lusitanas da zona moçárabe, no Sul, acabando por dar origem a uma nova unidade linguística: o português, idioma que, na sua forma padrão tende a afastar-se, cada vez mais, do galego-português, originário dos reconquistadores cristãos setentrionais [*Ibidem* 59-60].

Figura 1

Segundo o quadro anterior, o período do *português comum, clássico* ou *médio* inicia-se entre os anos 1385 e 1420, embora seja também aceite a data de 1350 (data extraída da história literária por representar o fim do cultivo da lírica trovadoresca em Portugal) Mas também é considerada como divisória a data histórica de 1385, já que a batalha de Aljubarrota já supõe uma mudança política e social muito importante, mas também linguística. O português *médio*, então, se apresenta como período de diferenciação progressiva em relação ao período anterior. Mais além das discussões e das tentativas balizadoras deste período

denominado português *médio*, o certo é que nesta época surgem uma série de mudanças importantes na língua portuguesa que, uma vez consolidadas darão, passo à língua moderna. Os textos estudados estariam, para alguns linguistas como os citados anteriormente, cronologicamente situados no período de transição entre o português *antigo* e o *médio*, para outros, já claramente no período *médio*.

Existem muitas outras tentativas de periodização da língua portuguesa. Mas para a distinção entre o período *antigo* e o *moderno* e para a própria caracterização do português *médio*, resulta relevante uma série de fenómenos linguísticos considerados balizadores ou delimitadores dos diferentes períodos. Para o propósito inicial deste trabalho, poder oferecer achegas para a datação dos textos baseadas na análise linguística deles, centrar-nos-emos naqueles que possam favorecer a adscrição dos textos da *Visão de Tíndalo* a um momento mais ou menos recuado do português *antigo*, nesse sentido, torna-se especialmente relevante a análise dos fenómenos vinculados ao período arcaico; *i.e.*, a síncope do <-d-> secundário românico, procedente do <-t-> latino, no morfema número pessoal da segunda pessoa do plural; a eliminação dos encontros vocálicos ou hiatos procedentes da síncope de consoantes intervocálicas latinas; a convergência das terminações nasais <õ/on, ã/an e ã-o> no ditongo [ẽw̃]; a eliminação do particípio da segunda conjugação em *-udo* <UTUM; a presença (ou ausência) da série átona de possessivos femininos e das duplas negações. Para além dessas evoluções significativas, outros fenómenos linguísticos que se mostrem relevantes para o contraste dos textos estudados serão analisados em pormenor. Embora existam mais fenómenos linguísticos importantes para o estudo do português *médio*, neste trabalho serão abordados e analisados com maior profundidade aqueles que se mostrem mais produtivos nos dois textos com o objetivo de aventar uma cronologia relativa para eles. Do mesmo modo serão contemplados aqueles aspectos que divergem da língua portuguesa moderna.

Antes de concluir esta epígrafe é preciso assinalar que aceitamos a existência de dois períodos diferenciados no português *antigo*: o *arcaico* (XIII-1350) e o *médio* (1350-1500/1550) por apresentarem rasgos diferenciais e conformar estádios linguísticos claramente distintos, que conduzirão à definitiva separação entre as línguas portuguesa e galega.

2. CARACTERIZAÇÃO LINGÜÍSTICA DO TEXTO DE ALC_462¹⁰.

O texto da *Visão de Tíndalo* editado por Nunes respeita os traços linguísticos epocais da versão transmitida por ALC_462, pelo que é possível trabalhar diretamente sobre a edição do grande filólogo português¹¹.

No âmbito da fonética o texto apresenta grande quantidade de hiatos resultado da síncope de consoantes intervocálicas latinas: *aveença* <ADVENIENTIA-, *beento* <BENEDICTU-, *boo, boos* <BONU-, *coor* <COLORE-, *dyaboos* <DIABOLOS, *dóó, dóóres* <DOLORE-, *dões* <DONUM, *fea* <FOEDA-, *freestra* <FENESTRA, *hũu, hũus, hũa* <UNUS, -A, -UM, *infernaes* <INFERNALES, *máá, maa, mãã, mao, mão, maaos*, <MALUS, -A, -UM, *mão* <MANU-, *meo* <MEDIU-, *paaço* <PALATIUM-, *perduravees, péé, péés* <PEDE-, *poboo* <POPULU-, *quaes* <QUALIS, *seer* <SEDERE, *séestra* <SINISTRA, *sóó* <SOLU-¹², *sõo, sões* <SONUS, *tais* <TALES, *trévas* (três casos), *teebras* e *téebroso* (um caso) <TENEBRA-, *vaã* <VANA¹³, *vees* <VIDES *viir* <VENIRE, *veer* <VIDERE, *voõtade, voontade* <VOLUNTATE-. A síncope dessas consoantes («n», «b», «d», «g») produz o encontro de duas vogais, isto é, uma situação de hiato. No primeiro período da língua antiga existiram uma grande quantidade de hiatos formados após a queda dessas consoantes intervocálicas, a maior parte destes hiatos são eliminados ao longo do português médio através de diferentes procedimentos¹⁴. Segundo Rosa Virginia Mattos e Silva:

o fenómeno fonético da síncope de consoantes sonoras intervocálicas, do latim para o português, faz com que se representem na escrita do português arcaico sequências de vogais idênticas, ocupando ou não sílaba acentuada (*máa, paáço, péé, leer, coór, voontade, póboo, diáboo...*)

¹⁰ Editado por Jose Joaquim Nunes (1903, 249-262).

¹¹ Acudindo sempre ao manuscrito em caso de dúvida respeito da edição.

¹² Também aparece a forma *tansoomête*.

¹³ «Destacamos dois casos em que se distinguem o português arcaico e o atual, por ainda não se aplicarem regras fonológicas posteriores. Por todo o período arcaico encontramos – irmã, ermitã, sãã, vãã etc., com as VT nasalizada. Essa grafia é indicadora de que, pelo menos na escrita, a fusão das nasais idênticas não está representada nesses nomes, cujo correspondente masculino termina em *ão* <lat. -anu)» Em Mattos e Silva (1994, 20).

¹⁴ A data que se considera como limite para a resolução destes encontros é 1500, mas existem dois que não são resolvidos neste momento: «*ũo*» resolve-se tardiamente, no século XVIII; e «*eo, ea*», sendo a vogal tónica a palatal «*e*», resolve-se mediante a epêntese do «*o*» anti-hiático, mas a afloração desse «*o*» é tema de discussão. Segundo Teyssier é possível observá-la na segunda metade do século XVI, mas só de forma esporádica. Sistemáticamente é possível encontrá-la a partir do período contemporâneo, no século XIX. Cardeira encontra esse «*o*», de forma esporádica, em textos da segunda metade do século XIV procedentes do sul de Portugal, mas não ocorre em textos do norte. Parece tratar-se, portanto, de um fenómeno de origem sulista.

Como se trata de vogais da mesma faixa de altura atuou, ao longo do período arcaico, a regra de crase ou fusão de vogais idênticas. Pela escrita e pela métrica dos *Cancioneiros* se pode afirmar que já no século XIII essa fusão poderia operar-se. A grafia, eventualmente, apresenta indicação quando alternam vocábulos ora com vogais simples ora com vogais duplas [1991, 65].

Contudo, não todos os casos de duplas grafias vocálicas respondem à etimologia, documentam-se formas do tipo: *aalma*, *bráúdos*, *caães* <CANES, *ceeo*, *ceeos*, *cristaão* <CHRISTIANU-, *maãos* <MANU-, *obeediencia* <*OBOEDIENTIA, *odoor* <ODOREM, *oolba*, *povoo* <PULVE- (*pulvis*, *-eris*)¹⁵, *seeda* <SĒDĒS¹⁶, *sooẽ* <SOLENT (*soleo*), *veeras* e o plural antietimológico *cristaaes*.

A queda das sonoras intervocálicas, além de ditongos e sequências em hiato de vogais idênticas, depois fundidas pela crase, produziu hiatos constituídos de vogais que não podem fundir-se por não estarem na mesma faixa de altura, como em: *creo*, *candea*... tais hiatos permanecem até o século XVI. Só então se desfazem pela inserção de semivogal [*Ibidem*, 66].

Pela cronologia aproximada do texto (inícios do século XV), a contração de vogais idênticas poderia dar-se na pronúncia, mas não na escrita deste documento, já que os exemplos referidos de dupla vogal etimológica são gerais ao longo do texto. Não obstante, existe certo costume arraigado de escrever a dupla vogal, razão pela qual surge também em formas antietimológicas, facto que pode estar a indicar uma tendência avançada à contração nos primeiros exemplos.

No que diz respeito ao vocalismo átono (tanto pretónico quanto postónico), as vogais «e» e «o» são muito instáveis: *adeante* (e *adiante*)¹⁷, *alígría*, *carniceiros*, *çarradas*, *desemparada*, *dyleitos*, *fegura*, *fugueiras*, *mesturada*, *mizquinha*, *riliquias* (e *rreliquias*), *sobir*, *trespararom*, *vistidos*,... como é possível observar, normalmente a troca de timbre faz-se entre vogais próximas: <e>/<i>, <o>/<u>. O tema do vocalismo átono é um dos mais polémicos da fonologia histórica portuguesa. Segundo o estudo de Ana Maria Martins:

¹⁵ «E quanto mais per elle descendiã quanto mais povoo viã per hu aviã de tornar» Em Nunes 1903, 254 (l. 40-41). É preciso, cá, dizer, que a numeração das linhas (ex. 140-41) não aparece na edição do filólogo português, mas decidimos incluí-las no nosso estudo pela maior comodidade ao procurar as citações.

¹⁶ Duas ocorrências em singular (*seeda*) e uma no plural (*seedas*), com o significado de «assento, cadeira».

¹⁷ «E jndo adiante per lugares...» (253, l. 10). «E jndo adeante virõ...» (257, l. 7). «E jndo assi adiante virõ...» (l. 29). «E desy forom adeante e virõ...» (l. 39). «E desy forom adeante e virom...» (258, l. 29-30). «Vaamos adiante e veeras...» (259, l. 2-3). «e assy como hyam adiante passava...» (l. 3-4). «E jndo asi adiante virõ...» (l. 9). «E desy forom adiante e virõ...» (260, l. 22).

A diferença entre vogais finais (com elevação) e vogais pretónicas (sem elevação) observada no português brasileiro sugere que a elevação das vogais átonas finais precede diacronicamente a elevação das vogais pretónicas. Como o processo fonológico do português europeu envolve elevação e centralização (com recuo das palatais para [ɨ]), é possível admitir que o processo de elevação precede cronologicamente a centralização. Assim, embora os dados das fontes textuais (e gramaticais) sejam de difícil interpretação, é legítimo admitir que a elevação das átonas finais ocorre durante o período do português médio, enquanto a elevação das pretónicas e a centralização de [i] em [ɨ] são mudanças do português clássico. [2016, 8-9].

Para a autora, os casos do tipo *aligria, dyleitos, fugueira...* não suportam uma elevação da pretónica generalizada, pois dessa forma só se dá na língua clássica. No texto acontece uma variação frequente, mas que afeta a palavras concretas, existindo quase sempre vacilação entre formas com vocal elevada e não elevada. Em *sobir, mesturar*, por exemplo, observa-se o caso contrário, a vogal que se vê é menos elevada.

Outros fenómenos em relação às vogais presentes no texto são: prótese de «a» inicial em *arroydos, aperfiando, amostrou*; a metátese na forma *saihos* e a que tem maior presença é a apócope das vogais finais: *aquell, ell, mui*. Estes fenómenos ocorrem e são frequentes no português antigo, e no caso da apócope, no texto, limita-se às formas morfológicas citadas.

Um dos aspectos fonológicos mais interessantes do texto da *Visão de Tündalo* do códice ALC_462 são as terminações nasais. Os substantivos mostram uma terminação gráfica que obedece sempre à etimologia: *cristão* <CHRISTIANU-, *coraçõ* <(latim vulgar) CORATIONE-, *galardom* (também aparece, como variante gráfica, *guallardom*)¹⁸; *homẽ* <HOMINE-, *oraçõ* <ORATIONE-, *perseguiçõ* <PERSECUTIONE-, *salvaçõ* <SALVATIONE-, *tribulaçom* <TRIBULATIONE-, *visom* <VISIONE-. A terminação <õ> tem origem nas terminações latinas -ONEM (para os substantivos) e -UNT (para os verbos), <ã> provem das terminações latinas -ANEM (substantivos), -ANT (verbos). Estas terminações nasais (<-ã/-am; -õ/-om>, e o ditongo <-ãõ>, procedente da síncope do <-n- > intervocálico latino) vão convergir no ditongo [ẽw̃]:

É também durante o período arcaico que começa a processar-se a ditongação das vogais nasais /õ/ e /ã/, em posição final de nomes e verbos. Essa ditongação leva à convergência

¹⁸ De origem incerta: do germânico **WĪTHRALAUN* «recompensa?» do neerlandês antigo **WĪTHERLÓN*. Esta é a etimologia oferecida pela Real Academia Espanhola para a voz «galardón».

na direção do ditongo [ẽw̃] que – já no século XVI – é própria ao dialeto padrão de Portugal. Porém se admite que a convergência no dialeto padrão já existiria desde a 2ª metade do século XV, já que no *Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende* (coletânea de poemas do séc. XV para XVI) rimam, em várias poesias, indiferentemente, palavras provenientes dessas três origens (-ANEM, -ANT> ã, an; -ONEM, -ONT> ô, on; -ANUS> ã.o) [Mattos e Silva 1991, 74-75].

No período *arcaico* diferenciam-se à perfeição as três terminações em correspondência direta com a sua etimologia. Começam a ser confundidas ao longo do período do português *médio*, mas a confusão plena dá-se entre os séculos XIV-XV (principalmente na primeira metade do século XV), e nos inícios do século XVI a convergência das três terminações nasais no ditongo [ẽw̃] está completamente generalizada. No texto de ALC_462 parece haver indícios de uma pronúncia já ditongada. Embora as terminações nasais dos substantivos obedeam à etimologia, o caso das terminações verbais oferece alguns exemplos de grafias antietimológicas. Nas formas do presente do indicativo, respeita-se pelo geral a terminação etimológica (*amam, apertam, cercam, confessam, comprẽ, esperã, fazẽ, furtã, levã, meẽ, passam, som, trazẽ*), mas encontram-se casos de variação entre *som* e *sam*, *esperã* e *esperõ*. As formas verbais mais frequentes no texto são as do pretérito imperfeito, as quais pelo geral apresentam a grafia etimológica <ã, am>: *travavã, faziã, jaziam, mordiam...*, mas nalgumas formas dá-se a alternância de grafias etimológicas e antietimológicas <õ>: *alçavõ* (a par de *alçavã*), *cantavõ* (e *cantavã*) *chamavõ* (mas também *chamavã*), *chegavõ* (e *chegavã*), *davõ* (em variação com *davã*), *deitavõ* (a par de *deitavã*)¹⁹, *estavõ* (em alternância com *estavã*), *filhavõnas*²⁰ (também se documenta a forma *filhavã*), *lazeravõ* (em variação com *lazeravã*), *levantavõsse*²¹ (e *levantavã*), *queymavõnas*²² (a par de *queimavã*), *soprevõ* (alternando com *sopravã*) e *tomavõnas*²³ (a par de *tomavã*). As formas antietimológicas são menos frequentes, mas resulta significativo que correspondam sempre a verbos da primeira conjugação. Do mesmo modo são documentadas algumas formas do futuro com grafias finais antietimológicas: *conhocerõ* e *saberom*²⁴.

¹⁹ Ao mesmo tempo documenta-se a forma *deitavõlhas*.

²⁰ «filhavam-nas».

²¹ «devantavam-se»

²² «queimavam-nas».

²³ «tomavam-nas».

²⁴ «E seerã tam sabedores que se lbe non absconderã nada. Cá em deus veerã todallas cousas. e saberã o quo foy e o que he. E conhocerõ todollos homẽes e saberom as obras deles por que som perdidos. ou porque som salvos» Em Nunes 1903 (262 l. 9-13).

Para finalizar esta primeira aproximação ao texto de ALC_462 é preciso considerar uma série de questões gráficas. Conserva-se, de forma sistemática a dupla grafia do <-l-> nas formas *aquell, aquelle, aquella, ella, todallas*, e *malles* (mas também aparece, embora uma única vez, *males*). A vibrante múltipla [R] tem, no período antigo, articulação anterior (alveolar) e, no texto, é sempre grafada com <rr>, incluídos os casos do tipo: *rrecebydo, rroguemos, honrrada*. A oclusiva velar surda [k] é representada por diferentes grafias, indistintamente <ch, qu, q>. A consoante fricativa pré-palatal sonora [ʒ] é grafada sem critério aparente por <j, g, i>. A confusão das fricativas alveolares [s] surda e [z] sonora revela-se evidente ao serem representadas ambas as duas tanto por <s> quanto por <ss>²⁵. Aparece de forma contínua o uso antietimológico do <h>: *bordem, by* (<IBI>), *hir, he* (por *ê*), *hũu, hũua, hunbas, buvas*. Mas também é observável o caso contrário em *oje e a* (de *haver*). Em relação às vogais, a vogal [i] aparece grafada como <y, j, i>. Por outro lado, nos textos antigos é comum grafar a semivogal do ditongo [ew] das formas do perfeito simples como <-eo> (*comeo*). Trata-se de uma questão gráfica, o ditongo [ew] existe em português desde os primeiros tempos.

A seguir, serão consideradas aquelas características morfológicas mais salientes do texto em análise. Em primeiro lugar no referente à categoria do número documentam-se as formas: *animaes, infernaes, perduravees, quaes, taes*. Nestes casos as grafias mostram hiatos fônicos, no texto não se registam grafias modernizantes em <ai, ei>. Nos plurais das palavras terminadas (no singular) em <-l>, é possível encontrar, antes de 1500, formas sem ditongação.

No âmbito da morfologia verbal chama a atenção a amálgama do pronome complemento e a terminação do verbo nas formas: *punbanas, rrecebianos, rretenas*.

No que se refere ao complemento indireto²⁶, documentam-se alguns usos característicos da língua antiga: como uso da forma singular *lhe* pelo plural *lhes*: «*e as almas q per ella passavã soffyã grandes penas dos cravos q se lhe metyã pollos pees*» [252;1. 29]. Para o complemento direto documentam-se as formas atuais, mas também os alomorfes com <n> e <l> em contextos muito mais amplos do que os normativos na língua atual: *todallas, nã na qrya rreceber*. Para o artigo definido, além das formas atuais, aparece o alomorfe com <l> em várias

²⁵ Embora a confusão das sibilantes seja um fenómeno mais adscrito aos balizadores da língua clássica, no sul do país encontram-se exemplos de confusão de sibilantes desde o século XIII, no centro do país é aceite dizer que a distinção é um facto na entrada do português moderno (1500-1550). Segundo o próprio Nunes indica nas páginas iniciais do seu estudo da *Visão de Tândalo*, o texto poderia ter sido copiado por um copista procedente do Sul do país.

²⁶ «*li, lis* provieram de *illi, illis*; *lbi* (*lhe*) só se formou antes de vogal, muito provavelmente nas combinações *li o, li a > lio, lia > lbo, lba*; e *lhis* (*lhes*) formou-se depois evidentemente por analogia com *lbi* (*lhe*)» Em Huber 1933, 175.

ocasiões na sequência *el rey*. O uso do artigo com o possessivo não é sistemático. No que diz respeito às contrações de preposição + artigo, registam-se formas contratas (*ao, aos, do, das, eno, enã, no, na, pollo, polla, pella, pelas*) e sem contrair (*áa, áas*). O artigo indefinido é grafado com um «h» antietimológico: *hũu*.

No latim vulgar o sistema de pronomes demonstrativos deíticos é ternário: ISTE, -A, -UD > *este, esta, esto* (>*isto*); IPSE, -A, -UM > *esse, essa, esso* (>*isso*); ACC'ILLE, -A, -UM > *aquale, aquela, aquilo* (>*aquilo*). No texto da *Visão de Tündalo* do código ALC_462 aparecem documentadas as formas da primeira e da terceira pessoas: *este, esto, aquello, aquell, aquella*; e as formas contraídas do tipo: *deste, destes, desta, daquela, naquela*. Ao longe do período arcaico foi comum a neutralização entre as formas da segunda pessoa (*esse, essa, esso*) e as da primeira (*este, esta, esto*), normalmente essa neutralização favoreceu as formas da primeira pessoa, ficando a oposição entre as formas da primeira e da terceira pessoas. Deste modo o sistema de determinantes do período arcaico poderá aparecer descrito como binário. As formas da segunda pessoa são mais produtivas a partir do século XVI²⁷. Como formas adverbiais locativas se documentam: *aquí*: «*Ay mizquinha a que vieste aquí*» [Nunes 1903, 255, l. 35]; *acá*: «*E se os aca ouverõ...*» [262, l. 2]; *ca*: «*deidade as ca a nos...*» [255, l. 12]; *aly*: «*e as penas q aly sofreo...*» [252, l. 12-13]; *ala*: «*e tu nõ podes escusar q ala nõ entres...*» [253, l. 24-25] e *la*: «*praz me que os vejas mas nõ poderas la entrar*» [259, l. 33]. Como formas contraídas documentam-se *daly*: «*E entõ apareceo o angõ e tirou a daly*» [255, l. 14-15] e *daquí*: «*rrogo te q me saques daqui*» [256, l. 33-34].

As formas do pronome possessivo não diferem das atuais. Como já foi dito, o uso do possessivo precedido do artigo não é sistemático: «*quando onvy tua voz*», «*muitos sanctos cõ suas rriliquias*», «*o teu comer*» «*as tuas loucuras*».

Em relação às formas indefinidas é contínuo o emprego de *homē* em contexto negativo com valor de «ninguém»: «*tam fea q non ha homē q o podesse dizer*» [Nunes 1903, 251, l. 39-40]. Também aparece «*nē hũa cousa*» com valor de «nada»: «*q por nēhũa cousa nõ querya veer esta visom*» [256, l. 34]. Como formas propriamente negativas aparecem: *nēm, nē, nõ, nom, nē hũu no, nemgũu, negũu, nebũus e nē outra nēbuma*.

No âmbito dos pronomes relativos documentam-se formas características da língua antiga, como *hu*<UBI²⁸, *o que* com antecedente de pessoa: «*nõ podya nē hũu passar q nõ ouvesse de*

²⁷ «Um problema interessante que precisaria ser sistematicamente analisado no período arcaico é o de definir se de fato o sistema, no seu uso, é tricotômico: os dados dos *DSG* permitem levantar a suposição de que a oposição entre as formas *da p1* e *da p2* podia ser neutralizada em proveito das *da p1*, e que a oposição se fazia com clareza entre as *da p1* e *p2* em variação, e as *da p3*. Teyssier (1981), com dados dos séculos XIV, XV e XVI, indica que o sistema dêitico se firma como tricotômico pelo século XVI, do que se pode entreter na documentação escrita» Em Mattos e Silva (1994, 27).

²⁸ *Hu* conta com onze ocorrências enquanto *onde* ocorre duas vezes.

cayr no fundo. salvo o que fosse miuto escolheito [251, l. 24-26], «*maao dia foy nado o que aly foy levado*» [256, l. 3-4], «*e a fonte ha nome fonte de vida e o que dela beber nuca morrerá*» [257, l. 28-29], «*e o que ha pequeno galardom. avera tamanbo prazzer*» [262, l. 21-22]. Um outro uso restrito à língua antiga é a concordância *ad sensum* entre o relativo e o antecedente: «*este he o poboo q tu escolheste cõ os quaes arderas no fogo do inferno*» [250, l. 2].

Um campo rico para a análise é o das preposições, conjunções e advérbios. Em relação às preposições características da língua antiga são documentadas: *des*: «*e des q partyo*», *pera*: «*spera correger e emedar tua vida*», *per*: «*e quanto mais per elle descendiã*», em alternância com *por*: «*tu pensaras por ello*», e *so* (<SOB): «*so aquelle leito jazia muitos carvoões*», «*e so aquella arvore*», «*estes que estam so ella*». Como conjunções que diferem respeito da língua contemporânea são documentadas: *pero*: «*pero nõ padeceras tanta pena como se a nõ entregaras*», *mas pero*: «*mas pero sey segura q deus há piedade de ty*» e *enpero*: «*q non grya per ne hũa guisa entrar pella ponte enpero ouve a de tomar ao pescoço*», «*e aviam gram fome e sede e sijam tristes enpero aviã luz*», com valor adversativo. *Ca*²⁹: «*E por que aqui som dictas mujtas nobres cousas da vida bem aventurada. mujto som ajnda mais melhores. Ca segundo diz a escriptura*», «*tam sabedores que se non abscondera nada. Ca em deus veerã todallas cousas*» e *porem*: «*o bem se pode aver. mas non se pode pensar. E porem amigos rroguemos ao nosso senhor*», com valor causal, explicativo. Do mesmo modo são documentados alguns advérbios próprios do período antigo da língua portuguesa: *dantre*: «*E tiron a entõ dantre as outras*», *desy/ desi*: «*E desy rrecebias todas e seu ventre*»/«*E desi acabo de pouco*» (e *des qui*: «*E des qui foy mujto atormetada*»)³⁰, *er*³¹: «*e davã com ellas no fogo er sacavãnas do fogo*», *hu* (<UBI): «*no fogo hu jaziam outras*», *hy* (<IBI): «*que hy jaziam*», *ora*: «*entõ disse ora andemos q longa carreira*» e *outro sy*: «*E outro sy q os maos vejam a gloria q levã os boos*», «*E tu outro ssy pensa de te guardar*» «*E amarsse outrossy hũus com os outros*»³².

Outro dos âmbitos que melhor reflete a riqueza linguística do texto é o da morfologia verbal. Como é comum à língua antiga, o verbo auxiliar dos tempos compostos é *haver*³³. Além disso documenta-se várias formas verbais que divergem das atuais. Em primeiro lugar as formas do tipo *dissesse, fezesse, fezeste, teveres, teveste...* poderiam ser explicadas pela instabilidade do vocalismo átono, mas parece um fenómeno que afeta unicamente às formas

²⁹ «*qua>ca: quam>ca 'do que' (depois de comparativos), quia>qua>ca 'porque, pois, que'*» Em Huber (1933, 106).

³⁰ Também é documentada, embora uma única vez, a forma *disy* (por *desy*): «*E disy comerarõ andar*».

³¹ *Er* como advérbio de tempo com o significado de «ainda, também, novamente» Em Huber (1933, 256).

³² Outro *sy* e as suas variantes gráficas como advérbio de modo «da mesma maneira, igualmente» (*Ibidem*, 258).

³³ Também na língua antiga existiu a possibilidade da formação dalguns tempos compostos com o verbo *ser*: «*demandou pello corpo de deus como já dicto he*», «*por que aqui som dictas muitas nobres cousas da vida bem aventurada*» Em Nunes (1903, 261 l. 26, 30-31).

precedentes do *perfectum* latino, pelo qual é provável que exista uma explicação morfológica. Na língua antiga existiu uma certa vacilação para fixar as formas do perfeito com tendência ao predomínio da vogal da p3 e não da p1.

Resulta fundamental a ocorrência da forma *deidade*³⁴ (imperativo), com conservação do <-d-> resultado da evolução da terminação latina -ATIS> *ades*. A queda do <-d-> nas formas verbais da segunda pessoa do plural começa nos inícios do século XIV e generaliza-se no XV³⁵.

O MNP de P5, com exceção do IdPt2 dos três paradigmas -stes, do lat. -stis, é -des (lat. -tis), para todos os «tempos verbais», com exceção do imperativo em que é -de (lat. -te). Aí reside uma marcante diferença entre os morfemas número-pessoais do período arcaico e do contemporâneo. Como já mencionamos, a partir do século XV, começou a aparecer documentada a variação com ou sem -d- do tipo: amades – amaes, mas ainda sem a indicação da ditongação, que parece ter sido posterior [Mattos e Silva 1994, 47-48].

No texto de ALC_462 não existe variação, pois unicamente é documentada essa forma. Em relação, também, ao imperativo, aparece no texto a forma *sey segura*³⁶: «*mas pero sey segura q deus há piedade de t*» [Nunes, 1903, 250, l. 24-25].

Casos curiosos são as ocorrências da forma *sija*: «*E vio seer hũa seeda douro muy preciosa em que sija hũa reey*» [Nunes 1903, 258, l. 1-2], «*vyo seer*³⁷ *hũa cadeira muy honrada. e nõ sija em ella nemgũu*» [261, l. 14-15]; *seiiam*: «*E des que se acharom dentro. aly virõ tantas seedas douro e de pedras preciosas cubertas de pano douro e de seda. Aly seiiam homẽes e molberes muy fremosos*» [259, l. 12-14]; e *sijam*: «*E so aquella arvore estava mujtas cõpanhas aseentadas ã cadeiras douro e de marfil em que sijam louvado ao senhor deus*» [Nunes 1903, 260, l. 12-14]. A origem destas formas é o verbo latino *Sedeo*, *sedes*, *sedere*, *sēdi*, *sessum*, cujo significado é «estar sentado em uma cadeira». Parece que todas as ocorrências no texto derivadas deste verbo retêm este significado. A única exceção documentada diz respeito à forma *sijam*: «*e aviam gram fome e sede e sijam tristes enpero aviã luz e*

³⁴ «*e os outros dizã. deidade as cã*» Em Nunes (1903, 255 l. 11-12).

³⁵ «O apagamento do -d- intervocálico que desencadeou as regras assimilatórias subsequentes começa a aparecer documentado ‘nos inícios do século xv, o mais tarde» Em Mattos e Silva (1994, 45).

³⁶ Said Ali documenta esta forma como «imperativo do verbo ser, português antigo *seer* (latim *esse*), faz, todavia, *sê* (português antigo *sey*)» (2001, 111). Do mesmo modo José Joaquim Nunes regista-a como o imperativo *sê* <SEDE (see ou sey) (1989, 332).

³⁷ Tanto nesta quanto na frase anterior, o valor do verbo «*ser*» é locativo.

nõ aviã fedor» [257, l. 9-10], cá resulta evidente o sentido de «ficar, estar triste». De facto existe esta forma (*sijam*) como variante de *era* para o imperfeito em textos antigos³⁸.

Como é sabido, no português antigo generalizou-se um particípio em *-udo* para os verbos da segunda conjugação, este procede da extensão à segunda conjugação portuguesa dos particípios em *-UTUM* latinos, pertencentes a um pequeno conjunto de verbos da terceira conjugação latina em *-ĒRE*, mas este tipo de particípios não sobrevive no português contemporâneo. No século XV começam a conviver com as formas em *-ido* até as substituírem ao longo dessa centúria. No texto documenta-se uma única ocorrência de um particípio em *-udo*: «*E depois q eram derretudas*» [Nunes 1903, 250, l. 43; 251, l. 1], em alternância com a forma em *-ido*: «*E des q erã derrytidas*» [255, l. 7]. Ainda é documentado um outro particípio em *-ido* para um verbo da segunda conjugação: «*ora seras metida em penas*».

Em relação às formas verbais etimológicas, para o presente documentam-se as formas *som* <SUNT³⁹, e os particípios passados *escolheito* (adj. que se escolheu, escolhido) e *nado* (<NATUS, que nasceu, nascido). Para o imperfeito do conjuntivo a forma *prouesse*: «*querya se te prouesse ver aqueles que estam dentro*» [259, l. 31-32], e para o pretérito perfeito simples regista-se a forma analógica *jouwe*⁴⁰: «*hũu delles jouwe doente muy gram tempo*» [257, l. 34-35].

Um dos fenómenos mais importantes e característicos da língua antiga é a concordância entre o particípio passado e o complemento direto. Comummente aceita-se que esta concordância se dá quando o complemento direto antecede o particípio, mas nem sempre é assim: «*esto diziam elles porque lhes ele avia feitas muitas esmolas*» [259, l. 11-12]. No resto de ocorrências cumpre-se a máxima de o complemento direto ficar à esquerda do verbo: «*ella jazendo chorando os malle q avia fectos*» [252, l. 15-16], «*a alma amostou lhe os pees chagados [...] E o ango disse lembra te como os avias fortes pera andar em vaydades*» [253, l. 5-8], «*cõ seguras pera espedaçar as almas e pera as esfollar e des que as aviã esfolladas*» [253, l. 17-18], «*que eu ey tantas penas passadas*» [l. 33], «*ve vyo hũa besta q era muy desasemelhada das outras q antes avia vistas*» [254, l. 2-3], «*ouve tam grande sabor q lhe esqueciã todollos outros sabores que avia vistos*» [259, l. 19-20], «*atam doces que sobrepojavam sobre quantos cantares e sãos avia ouvido*» [36-38], «*ve vija as penas que avia leixadas*» [261, l. 5]. Porém são documentados dois exemplos em que não se cumpre essa concordância: «*per muy piores*

³⁸ O verbo *ser* é um dos poucos que formam o imperfeito de forma diversa: *seer*: *era, eras, era, éramos, érades*, mas com a forma *era* convive, na língua antiga, com a forma *sia* <SEDEBAM. Em Huber (1933, 237).

³⁹ Também aparece, embora uma única vez, a forma *sam*.

⁴⁰ Na língua antiga existiu grande variação entre formas analógicas e etimológicas para fixar as formas verbais procedentes do *perfectum* latino, especialmente para as formas de verbos irregulares. No caso do verbo *jazer* é comum na língua antiga encontrar esta forma, *jouwe*, como perfeito formado por analogia com *houve*. Passa o mesmo com a forma *poruesse*, também formada por analogia com *houvesse*.

logares que ante avia andado» [254, l. 37], «*hũu muro que era muy desasemelhado dos outros que avia visto»* [260, l. 23].

Outro uso característico do português antigo são as interpolações: a possibilidade de inserir elementos entre o clítico e o verbo, em um contexto proclítico. A frequência de ocorrências no texto de ALC_462 é bastante elevada, mas só serão transcritos alguns exemplos para ilustrar o fenómeno: «*ẽ me tantas penas e tantas tribulações mostrastes»* [249, l. 20-21], «*como se a nõ entregaras»* [252, l. 36-37], «*os que a nõ comprẽ»* [253, l. 38], «*aquello que lbes deus dera»* [257, l. 15], «*se os acá ouverom»* [262, l. 2], «*se lbes non abcondera nada»* [262, l. 10], «*se o ele ouvesse»* [262, l. 23]. Na língua contemporânea ainda é possível encontrar interpolações na escrita literária⁴¹.

O estudo do léxico presente no texto resultará fundamental para a comparação dos dois manuscritos da *Visão de Túndalo*. Antes de referir a lista de palavras características do texto adscritas à língua antiga, resultaria interessante analisar a alternância lexical, no texto, das vozes *seeda* (ou *seedas*) <SĒDĒS e *cadeira* <CATHEDRA, as duas com o significado de «assento, cadeira». Ambas palavras ocorrem três vezes cada uma, sempre acompanhadas do verbo *seer* como resultado do verbo latino *sedeo*⁴². Consideram-se vocábulos próprios da língua antiga os seguintes: *apelidos* «alaridos», *ascuyta* «escutar, ouvir», *asinha* «depressa», *catar* «buscar, procurar», *coyta* «pena», *conhocentes*, *conhocia*, *cóvedo* <CUBITUM (medida de comprimento), *chantos* «choros», *estromentos*, *esteos* «trave, sustentáculo», *falejar* «falar consigo murmurando», *gysa* «maneira, modo», *goyvo* «gáudio», *guallardom* «galardão», *imijos* «inimigos», *jnbigo* «umbigo», *juso* «abaixo, so-», *logar*, *maragêes* «pedras preciosas, joias», *martearar* «martirizar», *marteres* «mártires», *molberes*, *nocte*, *peendença* «penitência», *pelegrim* «peregrino», *sanooes* «saudáveis», *sartaaães* (<SARTĀGO, -ĪNIS) «frigideira», *seeda* «assento, cadeira», *segre* «século», *sobreosso* «soberbo», *suso* «acima, anteriormente, supra», *tréevas* «ténegra, treva»⁴³. Como expressões feitas documentam-se: *ẽ grosso* «largo», *a pouca doura*, *bem sejas vido*, *parou mentes*, *como há nome*.

⁴¹ A evolução da colocação dos clíticos permite qualificar este fenómeno como balizador entre os períodos *antigo* e *moderno*. No português *arcaico* encontram-se certos usos que não existirão no português *moderno*, um deles é o fenómeno nomeado como interpolação: a possibilidade, dentro de um contexto proclítico, de interpolar um outro elemento entre o clítico proclítico e o verbo. É comum em estruturas subordinadas ou em frases introduzidas por algum tipo de advérbio. A interpolação não desaparece no português moderno, mas reduz-se a possibilidade de aparição em muitos contextos e a frequência do seu uso, para além de que no período *antigo* o elemento interpolado pode ser de tipologia diversa.

⁴² Veja-se a página 16.

⁴³ Não foi possível documentar as seguintes palavras: *eseryvina*, *moxões* e *drogoões*.

3. CARACTERIZAÇÃO LINGÜÍSTICA DO TEXTO DE ALC_211⁴⁴.

A edição do texto da *Visão de Tíndalo* de F. M. Esteves Pereira respeita, geralmente⁴⁵, os traços históricos característicos do período antigo, o que faz com que seja uma edição adequada e fiável para proceder a um estudo histórico. Nesta epígrafe analisar-se-á o texto de ALC_211 considerando os mesmos aspectos examinados na secção anterior, com o objetivo de estabelecer alguns pontos de contraste.

Relativamente à fonética observam-se ainda grande quantidade de hiatos resultantes da síncope de consoantes intervocálicas latinas: *alheo, albeas* <ALIENU-, *beens* <BENES, *bõo, boon, boons* e *boos* <BONU-⁴⁶, *cadeas* <CATENA-, *candeas* <CANDELA-, *chaan* <PLANUS, -A, -UM⁴⁷, *cheas* <PLENAS, *cheo* <PLENUS, -A, -UM, *creer,* <CREDERE, *creença, door* <DOLOR, *esqueceeo* <ESCADESCERE (>escaecer> esquecer), *enpeecer* <IMPEDISCERE, *feas* <FOEDA-, *hũu* <UNU-, *infernaes* <INFERNALES, *guaanbar, homeens, leer* <LEGERE⁴⁸, *maa* <MALA-, *meesmos* <*METIPSIMUS, *meu*⁴⁹, *meo*⁵⁰ <MEDIUS *mercee* <MERCEDE-, *nuu* <NUDU-, *pee, pees* <PEDEM, *perigoo* <PERICULU-, *poboo* <POPULU-, *queentura*⁵¹ (e *caentura*)⁵², *seer* <SEDERE⁵³, *seestro* <SINISTRU-, *soo* <SOLU-, *soons* <SONU-, *teebras* <TENEBRA-, *teer* <TENERE, *vaan, vaão* <VANUS, -A, -UM, *vaamosnos, vaamos, veer* <VIDERE⁵⁴, *veo, viir* <VENIRE, *voontade* <VOLUNTATE-. Mas também se documentam alguns casos de simplificação desses hiatos como em *bem*, além de existirem frequentes exemplos da duplas grafias vocálicas antietimológicas: *bagoo, bagoos, braados, ceoo, ceeos, haas*

⁴⁴ Editado por Esteves Pereira (1895, 97-120).

⁴⁵ É sempre recomendável acudir ao manuscrito em caso de dúvida respeito da edição. Por exemplo, documenta-se em ALC_211 uma forma suspeitosa: a forma do artigo indefinido *huma*. Acudindo ao manuscrito observa-se que esta forma do artigo indefinido é grafada como *hũa* e não como *huma*, como edita Esteves Pereira.

⁴⁶ «*os beens que os boons recebiam*» (Esteves Pereira, 1895, 101, l. 20-21), «*myto escolbeito de deus e muito bõo*» (104, l. 4-5), «*os conselhos dos homeens boos*» (110, l. 10-11), «*que davan muy boon odor*» (112, l. 14). A numeração das linhas também não aparece na edição de Esteves Pereira, incluímo-las para facilitar a procura das citações.

⁴⁷ Esta grafia <-aan> (<-ANUS) chama a atenção, pois essa terminação, exige, inicialmente uma grafia em <-ão>, mas sempre que ocorre no texto parece ser uma forma feminina: *vaan gloria, vaan, alegria* (<VANA).

⁴⁸ Documentam-se as formas *leera* e *leeren*.

⁴⁹ «*sayam ambos en meu de duas traves muy grandes que stavan atravessadas en aquela boca*» (104, l. 29-30). É esta uma outra grafia suspeitosa, na edição de Esteves Pereira aparece a forma *meu* (no lugar de *meo* (<MEDIUS), ao acudir ao manuscrito, encontramos *meo* no mesmo contexto, trata-se, portanto, de um lapso de edição.

⁵⁰ «*aa bora do meo dia*» (115, l. 42).

⁵¹ «*huma pouca de quentura que tiinha no costado seestro*» (101, l. 23-24).

⁵² «*myto frio. muita caentura. e muitos açoutes*» (107, l. 3-4).

⁵³ Do mesmo modo documentam-se as formas: *seeren, seendo*.

⁵⁴ Também são documentadas as formas *vees, veeron, veeremos, veendo*.

(*asas*), *maçaans*, *ordeens* <ORDE-, *sartãaes* <SARTĀGINE-, *seeda(s)*, *segraaes* <SÆCULARE-, *sseenço*, e *virgeens*. Ao igual que em ALC_462 parece existir uma tendência a grafar com dupla vogal a que fica antes da consoante que caiu, resulta curioso que para esta questão ambos textos reajam da mesma forma.

Por um outro lado percebe-se a instabilidade do vocalismo átono (tanto pretónico quanto postónico) nas seguintes formas: *berilos*, *contornado*, *cubertura*, *gimidos*, *logar* (e uma ocorrência de *lugar*), *mesturado*, *mundamento*, *onguentos peores*, *perfuno*, *possesen*, *saguesmente*, *talente* e *visibilmente*. Mais fenómenos em relação às vogais são a prótese de <a> inicial em *arroydo* e *acatar* (catar), a epêntese do <i> em *aventuyrada* (com duas ocorrências e *aventurado* com uma ocorrência), a metátese nas formas *fremoso*, e *salteyros*. Como no texto de ALC_462 a apócope limita-se às formas morfológicas: *el/aquel*, *mui*.

Um âmbito profícuo para o contraste de ambos os textos são as terminações nasais. No texto editado por Nunes documentam-se bastantes casos de grafias antietimológicas, especialmente para as formas do pretérito imperfeito. No texto de ALC_211 não se registam grafias antietimológicas para as terminações nasais. Em relação aos substantivos documentam-se: *Adam*, *confissson* <CONFESSIONE-, *consolaçon* <CONSOLATIONE-, *coraçõn* <CORATIONE-, *homen* <HOMINE-, *mãao* <MANU-, *oraçõn* <ORATIONE-, *razõn* <RATIONE-, *revelaçõn* <REVELATIONE-, *salvaçõn* <SALVATIONE-, *vaan* <VANA⁵⁵, *visõn* <VISIONE-. No âmbito das terminações verbais também não se documentam grafias antietimológicas, as terminações para o presente, o pretérito imperfeito e o futuro do indicativo são <an, am>⁵⁶, e para o pretérito perfeito simples <on, om>. Como foi referido a terminação [ã] é resultado das terminações latinas -ANEM, -ANT, [õ] é o resultado das terminações latinas -ONEM, -UNT, e [ão] resulta da síncope do <-n-> intervocálico, como é o caso de *mãao* <MANU-. No período *arcaico* diferenciam-se à perfeição as três terminações procedentes das distintas etimologias, estágio evolutivo que reflete o texto agora analisado.

Para completar o comentário fónico serão referidas uma série de questões gráficas em relação ao texto de ALC_211. Ainda se conservam algumas duplas grafias consonânticas do <c> *peccados*, *peccador*, do <f> *affanaron*, *afficadamente*, do <l> *ella*, *ell(es)*, *delle* (mas também se documenta *dele*) *valle*, do <n> *panno* e do <r> em *honrrada*. A fricativa pré-palatal sonora

⁵⁵ «*bu be a tua vaan gloria. e a tua vaan alegría bu be. ou teu vâao ryr bu be*» Em Esteves Pereira (1895, 102, l. 26-27).

⁵⁶ Alguns exemplos para o presente: *chaman*, *son* <SUNT *tornavan*. Para o imperfeito: *alçavan*, *andavan*, *atormentavan*, *cayam chamavan*, *diziam* e *deciam*, *deçiam* (desciam), *desfaziam*, *emprenhavan*, *enpresavam*, *eran*, *estavan*, *ferviam* e *fervian*, *iaziam*, *padeciam*, *pareciam*, *pariam*, *passavan*, *poderiam*, *queimavan*, *sayam*... Para o pretérito perfeito simples: *aconteceron*, *britaron*, *cheraron*, *começaron*, *compriron*, *deceron*, *encontraron*, *fezeron*, *foron*, *furtaron*, *pecaron*, *veeron*, *viron*. E para o futuro: *consolarsean*, *durarlbeam*, *enpeceeram*, *levarmean*, *tomarmean*.

[3] é grafada como <i>: *aia* (haja), *noio* (nojo) *seia* (seja), *veiam* (vejam). Uma característica compartilhada por ambos os textos é o uso do <h> antietimológico: *he*, *hey*⁵⁷, *hy*, *hir*, *hu*, *hunbas*, *husar*, *huvas*. Mas também é documentado o uso contrário: *aver*. Um fenómeno não documentado no texto de ALC_462 e com bastante presença em ALC_211 é a aférese do <e> nas formas seguintes: *sta*, *stando*, *sperança*, *spantavil*, *sperando*, *stavan*, *streyta*. Em relação às vogais, como em ALC_462, as grafias em -eo do perfeito não se correspondem com uma pronúncia fonética [eo]. Como diferença respeito de ALC_462, documentam-se grafias latinizantes nalgumas palavras: *dampno*, *fecto*, *maldicto* e *sciencia*, *sinphonias*. Este texto parece mais influenciado por uma tendência latinizante.

Do mesmo modo, no apartado reservado à morfologia serão considerados aqueles pontos de contraste em relação ao texto de ALC_462, além das características divergentes respeito da língua atual. Em relação às formas plurais, como em ALC_462, documentam-se, normalmente, formas etimológicas esperáveis: *cãaes* <CANE-, *carvooes* <CARBONE-, *escorpiooens* <SCORPIONE-, *galardooens*, *gargantooens*, *maaons* <MANU-, *prisoens*, *tendilhoens*, *tribulaçooens* mas também são documentadas algumas formas antietimológicas como: *orgoos* <ORGANU- e *torvões*. Como formas plurais de palavras terminadas em -l aparecem: *infernaaes*, *maaes*, *maas* <MALA-, *maaos* <MALU-, *speciaaes*, *temporaaes* e *yguaaes* <ÆQUUS, -A, -UM. Do mesmo modo que em ALC_462, as grafias documentam um estágio fónico prévio à ditongação.

Passando à análise morfológica, além das formas atuais do complemento indireto, documenta-se um uso característico da língua antiga: o emprego de *lbe* por *lbes*: «*que eram dignos e merecedores de padecer aquela pena e aquela door. ca lbes saya o sangue dos pees per fecto dos clavos que se lbe metiam per elles*» [106, l. 12-14]. No caso do complemento direto, como em ALC_462, documentam-se as formas atuais, normalmente, com aglutinação do pronome ao verbo (os exemplos serão referidos ao falar de ênclise e próclise) Uma outra característica comum nos dois textos é a aparição do alomorfe com <l> do artigo definido na sequência *El Rey*: «*Vio viir gram de homens a El Rey*» [113, l. 21], «*e louvavan e bonravan muito a maravilha El Rey e a casa*» [l. 26-27], «*ante el Rey ficavan os geolhos*», «*a quen dava El Rey de comer*» [l. 36], «*viron a casa del Rey*» [l. 44], «*e el Rey muy contornado*» [l. 45-46]. Porém aparece, embora uma única vez, a variante *o Rey*: «*E eles stando assi ante o Rey*» [l. 23-24]. Em relação ao artigo indefinido, como é comum à língua antiga, é grafado com um <h> antietimológico: «*huun angeos*», «*huma provincia*»⁵⁸.

⁵⁷ «*tantas penas e tantos tormentos hey passados*».

⁵⁸ Como já indicámos, embora na edição de Esteves Pereira a forma feminina do artigo indefinido seja grafada como «*huma*», o certo é que a epêntese desse «m» não ocorrera até ao século XVIII. No manuscrito

Do mesmo modo que na versão editada por Nunes, o sistema de demonstrativos de ALC_211, manifesta-se como binário ao serem unicamente documentadas as formas da primeira e da terceira pessoas: *este, esta, esto, estes, estas, aquel(e), aquela, aquele, aqueles, aquelas*⁵⁹. Como formas adverbiais locativas, de novo, aparecem só as formas da p1 e da p3: *aqui, aca* e *ala*⁶⁰.

Uma outra característica comum entre ALC_462 e ALC_211 é que as formas do pronome possessivo não divergem das atuais, e que o uso do artigo + preposição também não é sistemático: «*dos seos peccados*», «*de suas maldades*», «*as tuas novas*», «*os teus viços*», «*en teu poder*», «*a minha voontade*», «*en suas mãaos*». Do mesmo modo convêm assinalar a ausência da série átona de possessivos femininos nos dois textos.

Além das formas atuais dos pronomes relativos, documentam-se alguns usos próprios do período antigo como o uso *do qual* como adjetivo relativo, em lugar de pronome: «*Mais ouvia o aroydo dhuun ryo que corria per elle do qual ryo saya gram fumo*» [Esteves Pereira 1895, 103, l. 44-45]. Do mesmo modo emprega-se *os que* por *quem*. «*Esta ponte era facta dhuma tavao que toda era chea de clavos agudos e os que per ela passavan*» [105, l. 29-30], *cuiã* por *de quem*: «*se a eu tomey depois a dey aaquel cuiã era*» [l. 45], «*Cuiã he esta seeda ou por que sta assi vagã*» [119, l. 35], *todo aquel* por *quem*: «*be chamada vida e todo aquel que dela beber*» [112, l. 31-32], *o qual* por *quem*: «*arcebispo de toda a ybernia. O qual todas as cousas que avia e podia aver departia e davao a pobre*» [119, l. 22-24] e *a que* por *a quem*: «*eu vi com meus olhos o homen a que esto aconteceo*» [120, l. 30]. Um facto curioso é a ocorrência da mesma concordância *ad sensum* documentada em ALC_462⁶¹: «*este he o poboo que tu escolhiste com os quaaes andaras no fogo do inferno*» [102, l. 22-23].

Um outro dos âmbitos de interesse e contraste entre ambos os textos é o das preposições, conjunções e advérbios. Nos parágrafos anteriores mencionaram-se alguns casos de formas contratas e sem contrair de preposição + artigo, mas não são as únicas que aparecem no texto de ALC_211. Além das formas atuais (*a, ao, aos, do, dos, das, no, na, nas* e *pelas*), aparecem as formas contratas: *dhuun, dhuma, polo, pola, polos* e *polas*. Como formas sem contrair documentam-se: «*aa egreja*», «*aas almas*», «*aaqueb*», «*aaquela alma*», «*aaquela besta*», «*aa metade*», «*aas costas*», «*en na*», «*en ela*» e «*en aquela door*». Também se acham no texto algumas

aparece como «*bua*», é uma opção de edição. Poderia aparecer no manuscrito como «*huma*», onde o <m> teria a função do til, mas não é o caso.

⁵⁹ Em relação às contrações de preposição + demonstrativo, aparecem no texto tanto formas contratas (*deste, desta, desto, daquel(e), daquela* (e *daqiella*), *daquelas, daquilo* e *daquelo*, quanto sem contrair (*aaquela*).

⁶⁰ Como formas contratas documentam-se: *daqui* e *dali*.

⁶¹ «*este he o poboo q tu escolheste cõ os quaes arderas no fogo do inferno*» Em Nunes (1903, 250, l. 2). Observe-se, nos dois textos, a alternância entre *escolheste* e *escolhiste*, característica da língua antiga.

preposições que diferem da língua moderna: *des* (desde), *per* / *por* (sendo bastante mais frequente *per*), e *so* (<SUB). Como conjunções características da língua antiga são documentadas: *ca*: «*avia muy pequeno cuidado de sua alma. Ca a ssua mancebia e a sua fremosura e o seu linhagem todo tornavan en vaydade*» [101, l. 10-11], *ca pero*: «*muyto he mayor a tua merçee que a minha maldade. Ca pero que muito grande era a minha maldade*» [102, l. 1-2], *pero*: «*e fazianna passar pola ponte. E pero que avia os pees muy agravados*», *empero*: «*mayor he a misericórdia de deus que a tua maldade. Empero que no dia do júízo dara a cada huun seu deryto*» [105, l. 13-15], *mais enpero*: «*os tormentos e penas que hy padeceo non ha homen vivo e nado que as podesse contar. Mais enpero na vida que el depois fez*» [104, l. 44-46] e *mais*: «*taaes penas merecen aqueles que deviam a seer melhores que os outros. e ham sabedoria e sciencia de o seer e non o son. Mais ham as lingoas muito agudas pera dizer muyto mal*» com valor adversativo. Para a conjunção *porém* são documentadas as seguintes variantes: *poren*: «*dara a cada huun seu deryto segundo como o merecer. E poren quando fores em teu poder non faças per que tornes a sofrer*» [105, l. 14-16], *por em*: «*Mais ham as lingoas muito agudas pera dizer mal. E por em padecem estas penas*» [108, l. 30-31] e *por en*: «*todo ia he passado. E por en todo penaras*» [102, l. 29-30] com valor explicativo junto com *poren*: «*por que tynham que aquela alma era sua de deryto e diziam que non fazia deryto. Mais poren deus sempre foy e he e hade seer deryta justiça*» [103, l. 4-6] e *por em*: «*Alegrate ca livre es de todo mal. mais por em muitas penas veras que te non enpeeceram*» [110, l. 26-27] com valor adversativo⁶². Em relação aos advérbios, além das formas características do período antigo (novamente partilhadas por ambos textos) como são *ante* e *antre*, *dantre* (com duas ocorrências) e *diante* (com uma), *despos*, *desi* e *des y*, *er*⁶³, *hu*<UBI, *hy*<IBI, *outros*⁶⁴, *ora*; acham-se algumas formas ausentes em ALC_462 como *al*⁶⁵ e a curiosa sequência *des en*⁶⁶: «*o ben que deus tem aparelhado aaqueles que el ama. E des en disse ao ango. Rogote senhor...*» [112, l. 26-27].

⁶² Observe-se que nas duas ocasiões em que *porém* tem valor adversativo, aparece precedido de *mais*.

⁶³ «*E desi er tiravannas do fogo*» (103, l. 37-38), «*nen averas luz. nen alegria. mais sempre averas mal. Er disseron. por que tardamos mais*» (110, l. 14-15), «*nenhuma delas non ficava sem dampno. Er depois respirava e collbia folego*» (111, l. 7-8).

⁶⁴ Com as variantes gráficas *outrosy* e *outro y*, mas sempre com o mesmo valor: «da mesma maneira, igualmente».

⁶⁵ «*e non stavan al sperando se non almas*» (105, l. 23), «*Pero que al non podian fazer*» (110, l. 22), «*que non parecian al se non ouro*» (115, l. 43). J. Huber (1933, 141) documenta este advérbio «*al*<ALID ‘outra coisa’, caso não tenha sido talvez importada através do prov. ant. *ab*».

⁶⁶ Para Rosa Virgínia Mattos e Silva «*en – ende* (<*inde*), ‘disso, nisso’. Referem-se a algo já antes mencionado, são, portanto, anafóricos. São típicos do período arcaico, já começando a desaparecer na documentação ao longo do século XV» (1994, 104). Segundo Ana Maria Martins: «Não chega ao século XVI o pronome oblíquo *en/ende* (cognato do francês *en*, do catalão *en/ne* e do italiano *ne*) O pronome partitivo/locativo *en/ende* era um substituto de complementos verbais introduzidos pela preposição *de*. No século XV o pronome *en/ende* já não ocorre nos textos medievais» (2016,14).

Em relação à morfologia verbal, como é comum à língua antiga o verbo auxiliar na formação dos tempos compostos é *haver*⁶⁷. Por outro lado, também são documentadas algumas formas do tipo *fezeste, fezesse, esteve*, nas quais existiu uma certa hesitação à hora de fixar as formas do perfeito, com tendência ao predomínio da vogal da p3 e não da p1. Também é documentada a forma antiga *pudy* (pôde), com inflexão da vogal tónica por vogal final fechada: «Ocorre uma variação <e – i>, em sílaba não acentuada, em P1 e P3 de IdPt2 de *saber, trager, aver, poder: soube/soubi, trouxe/trouxe, ouve/ouvi, pude/pudi*. Tal variação pode não ser apenas gráfica, mas refletir a pronúncia da postônica final» [Mattos e Silva 1994, 60].

Enquanto no texto ALC_462 foi documentado um único caso de imperativo com conservação do <-d->, em ALC_211 documentam-se: *deytadeas, recebede, sabede e vynde*. Ao igual que no texto editado por Nunes, aparece também neste a forma *sey* como imperativo do verbo *seer*: «*Mais sey segura ca deus há piedade e non padeceras tantas penas*» [Esteves Pereira 1895, 102, l. 45-46], «*estes que tu dizes sey certo. que ante da sua morte se repreenderom*» [112, l. 41-42]. Também em relação ao imperativo aparecem formas nas quais se aprecia uma «variação decorrente do alteamento da vogal do lexema, favorecida por um contexto subsequente com vogal alta» [Mattos e Silva 1994, 48], trata-se de formas do tipo *miteme* e *visti*.

Uma outra coincidência entre ambos os textos é a aparição das formas *seer*: «*e vio huma cadeyra de ouro... E vio seer*⁶⁸ *em ela o ben aventuyrado Rey*» [Esteves Pereira 1895, 113, l. 16-18], *sya* e *seera*: «*e vio huma seeda muy honrrada. e muy nobre a maravilha. em que non sya nenguun. Quando esto vin a ala disse. Cuia he esta seeda. ou por que sta assi vaga. Respondeolhe Malachias e disse. Esta seeda he de nosso irmão que ainda non he passado. Mais depois que vier seera em ella*» [119, l. 33-37]. Como já foi dito, são formas derivadas do verbo latino *sedeo* «estar sentado em uma cadeira». Do mesmo modo, e novamente comum nos dois textos, é documentada a forma *sia*, mas como imperfeito de *seer*: «*E em quanto ella asy sia. vio vynr huun angeo*» [102, l. 31-32].

Contrariamente ao texto de ALC_462 no qual unicamente são documentados dois participios em *-udo* para verbos da segunda conjugação, em ALC_211 documentam-se pelo menos sete: *derretuda, eram conteúdas, eram derretudas, escondudo, foy metuda, seras metuda, sta metudo, son conteúdos, sofruda, teudo e veuda*.

Em relação, também, ao verbo, documentam-se algumas formas como *prouesse* e *iouve*, formadas por analogia com *haver* (*houesse, houve*). Por outro lado, são documentadas as

⁶⁷ Como em ALC_462, também são documentadas algumas formas de tempos compostos com *ser*: *dicto he, son escriptos, son conteúdos, eram conteúdas, eram derretudas, era fecta*.

⁶⁸ Emprego do verbo *seer* com valor locativo.

formas etimológicas de alguns participios passados: *comesta(s)*, *comestos*, *escolbeito*, *nado* <NATUS, e *vago*<VACUUS.

No que se refere à colocação de clíticos pode-se falar de uma ênclise frequente: *accendiannos*, *acharonna atormentavaas*, *atormentaronna*, *cercaronna*, *cercavanno*, *colbiaas*, *confortoua*, *chamavanna*, *davao*, *deitadeas*, *deytaronnas*, *deytavannas*, *deitavaas*, *deitoua*, *demosla deuas*, *espalhavaas*, *espedaçaronna*, *fazianna(s) feriaa*, *levaronna*, *poynhannas*, *royannas*, *salvavanna*, *soproavannos*, *talbaronna*, *tiravannas*, *tiroua*, *tonaronna*, *tomavannas*, *tomoua*. *apareceolbes*, *disselbe*, *dizeme*, *desapareceolbe*, *começoulbes eralbe*, *parecialbe*, *preguntoulbe*, *rogote* e *sigueme*. Caso curioso é a forma *mostrareyte* com ênclise ao futuro. Em relação à próclise também são documentados vários casos nos quais não existe hesitação respeito dos parâmetros atuais: «*começaron de sse maravilhar*» [Esteves Pereira 1985, 101, l. 27-28], «*começaron de a espantar*» [102, l. 18], «*Ay senhor quantas maas tribulaçoens me mostraste e pero de todas me livraste. e dos avissos me tiraste*» [102, l. 3-4], «*Enton lbe disse a alma*» [102, l. 38-39].

Ao igual que no texto de ALC_462, documentam-se em ALC_211 dois fenómenos muito importantes e característicos da língua antiga: a concordância entre o participio passado e o complemento direto⁶⁹: «*reguardandosse dos maaes muytos que avia feytos*» [Esteves Pereira 1895, 102, l. 14-15], «*E a alma bia muy quebrantada dos trabalhos que avia passados*» [104, l. 21-22], «*acusandose si mesmos dos peccados e dos maaes que aviam feytos*» [106, l. 10-11], «*ia que tantas penas e tantos tormentos bey passados*» [107, l. 18-19], «*E depois que as avia comestas*» [108, l. 5], «*per logares muyto escuros. e muy peores dos outros. que ia aviam andados*» [l. 46-47], «*olvidou e esqueceo todas as cousas que ante ouve passadas*» [116, l. 2], «*nunca se mais acorda de todas as cousas que ouvesse vistas ou passadas*» [117, 5-6]. O outro uso característico do período antigo e já mencionado são as interpolações: «*e quando o ela assy viu*», «*nunca te eu vy se non ora*», «*bhuun daqueles demoes que lbe mais escarnho fazia*», «*assy ia te eu disse*», «*se a eu tome*», «*por que a non podeste esconder*», «*se lha non deras*», «*que se non guardasse muyto*», «*e a non compriram*», «*de que se eles cavidarom*», «*quando as todas vires*», «*ca todo aquel que o ben guardar en seu corpo*».

Por último o estudo do léxico do texto da *Visão de Túndalo* contido no códice ALC_211 revela algumas questões interessantes⁷⁰. Em primeiro lugar a alternância, por um lado, dos vocábulos *demoes* (com treze ocorrências) e *diaboos* (com cinco); e, por outro, dos

⁶⁹ Normalmente a concordância se dá quando o complemento direto antecede o participio, pois existe uma única exceção: «*e disselbe muy saborosamente. Tens vistas todas estas cousas*» (119, l. 39-40).

⁷⁰ Não foi possível documentar: *amestica*, *arenta*, *cicatron*, *citbolas* «citaras?», *criopiasa*, *escravina*, *ençuiar* «sujar?», *gramata*, *jagouça*, *onichina*, *segures*.

termos *seeda(s)* (seis ocorrências)⁷¹, e *cadeyra* (uma ocorrência)⁷². Como termos próprios da língua antiga são documentados: *adeante* e *deante*⁷³, *aginha* «asinha», *aguçosos*, *apelidos* «alaridos», *arvor* (*esta arvor, huma arvor*)⁷⁴, *bestigoos* «[antigo]: animal grande», *clavos* «cravos», *carvorento*, *catar*, *cavidar* «acautelar, precaver-se», *coalhada*, *coita*, *conhocentes*, *conhoceron*, *conmungar*, *côvedo* <CUBITU-, *cuytelos*, *çafira*, *chantos*, *deleytos*, *deleytamento*, *dereyto*, *egreia*, *enmygo*, *embygo* «umbigo», *estornoyro* «estrondo», *femença*, *fermoso*, *fermosura*, *fremoso*, *fremosura*, *folgura*, *fornigadores*, *geolbos* (<GENUCULOS) «joelhos» *guisa*, *juso*, *ledice*, *ledos*, *legres*, *marteyros*, *molheres*, *plazer*, *poseste*, *prol*, *sartaaees* (<SARTĀGĪNE-) «frigideira», *smaragda*, *relumear*, *sirgo* «seda», *soberroso*, *suso*, *trager*, *trouvesse*, *quige*, *qualbado*. Como expressões feitas se documentam as seguintes: *para bem mentes*, *parou mentes*, *para mentes aca*, «no outro que de suso dissemmo» [115, l. 37]⁷⁵. Um fenómeno em relação ao léxico de ALC_211 e ausente em ALC_462 é a formação de palavras através do sufixo *-vil* com origem na terminação latina *-BĪLE*: *cruevil*, *duravys*, *perduravil*, *semelhavil* e *spantavil*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

4.1. *A tipologia dos textos do português arcaico: a documentação em prosa literária.*

Em primeiro lugar é preciso considerar qual é a natureza dos textos estudados. A melhor aproximação ao período arcaico da língua portuguesa sempre será a feita através dos

⁷¹ «quero eu poer a minha seeda apar do altissimo» (111, l. 20-21), «virom muitas seedas assi como no que de suso foy dicto que virm» (115, l. 37-38), «vio humas seedas tan fermosas. que ficou muy folgada por o que vya» (116, l. 3-4), «e vio huma seeda muy honrrada. e muy noble a maravilha. em que non sya nenguun. Quando esto viu a ala disse. Cuia he esta seeda. ou por que sra assi vaga. Respondeolbe Malachias e disse. Esta seeda he de nosso irmão que ainda non he passado. Mais depois que vier seera em ella» (119, 33-37).

⁷² «e vio huma cadeyra de ouro... E vio seer em ela o ben aventuyrado Rey» (113, l. 16-18).

⁷³ Segundo os dados extraídos do *corpus do português* a forma *deante* é a mais comum no período antigo (trinta e duas ocorrências no século XIII, cento e quarenta e nove no XIV, cento e quarenta e oito no XV e treze no XVI). A forma *adiante* só começa a ser mais frequente a partir do século XV (quatro ocorrências no século XIII, quarenta e uma no XIV, oitocentas e uma no XV e quase dois mil no XVI).

⁷⁴ As terminações dos substantivos e adjetivos em *-or*, *-ol*, *-nte*, *-ês* na sua origem são utilizadas tanto para o feminino quanto para o masculino, são terminações uniformes, características do período *antigo*. A terminação biforme surge no português moderno. Não existem trabalhos específicos sobre a cronologia destas terminações, a biformização varia em cada palavra. Por exemplo *senhor* e *senhora* documentam-se ainda no século XIV como formas femininas, mas também é possível encontrar terminações uniformes até ao século XVI. Pode ser considerado um fenómeno delimitador entre os períodos antigo e moderno, pois no fim do século XVI a biformização está bastante avançada, embora seja possível encontrar exceções.

⁷⁵ Documentam-se ainda mais exemplos desse tipo: «virom muitas seedas assi como no que de suso foy dicto que virm» (115, l. 37-38), «vestidos de taaes vestiduras. assi como os monges que ia de suso dissemmo» (118, l. 3-4), «dos plazerres que nos de suso dissemmo. e folgança e glorias que ante viron. mais ainda vyam todas as penas. que ia de suso dissemmo» (119, l. 5-6).

seus textos, sejam fontes primárias ou secundárias. Rosa Virgínia Mattos e Silva considera como fontes primárias a documentação escrita remanescente, os manuscritos ou as edições já feitas deles. As fontes secundárias seriam os estudos fundados nessa documentação [1991, 28]. Como parte da tipologia da documentação remanescente pondera-se a documentação em prosa literária:

Levaremos em consideração na caracterização desse tipo de fonte literária primária para o conhecimento do português: a. a localização no período arcaico da produção de prosa literária; b. o fato de serem textos originalmente escritos em português ou textos traduzidos de outras línguas; c. a natureza do texto, isto é, que tipo de narrativa encerram; d. a questão da tradição textual que envolve esse tipo de documentação remanescente [*Ibidem* 35].

Como é sabido não é possível falar em géneros literários da Idade Média, não desde os parâmetros atuais. Não se pretende, cá, analisar essa problemática nem abranger as inúmeras classificações a que os textos da *Visão de Tíndalo* poderiam ser adscritos. A linguista faz uma proposta cronológica para o início do cultivo destes tipos de textos:

se afirma que as traduções de hagiografias e outros tipos de textos que transmitiam a tradição religiosa e ética cristãs, típica literatura medieval, só começam a ser produzidas da segunda metade do século XIV em diante. Sabe-se que no *scriptorium* de Afonso X muitos desses textos foram traduzidos. A historiografia hispânica ali se constituiu e o mesmo tipo de tradição veio para Portugal com o filho e o neto do rei de Leão e de Castela. Não é de se descartar que também já nos fins do século XIII e começos do XIV se tenham iniciado as traduções do latim de literatura de tradição cristã, não só em mosteiros, mas também em outros centros de cópia [*Ibidem* 37].

4.2. *Um lugar para o contraste: a comparação linguística das duas versões portuguesas da «Visão de Tíndalo».*

A partir da análise linguística de ambos os textos é possível observar certas semelhanças e divergências entre eles. Mas são elas suficientes para poder afirmar uma cronologia relativa dos dois textos? Para responder à pergunta seria preciso analisar e contrastar essas afinidades e dissensões com o objetivo de oferecer uma possível cronologia.

No âmbito da fonética chama a atenção a grande quantidade de hiatos resultantes da síncope das consoantes intervocálicas latinas⁷⁶. A eliminação desses hiatos ou encontros vocálicos teria acontecido no segundo período do português *arcaico*, o português *médio*, através de vários procedimentos. Assume-se que para o período antigo são mantidos esses encontros vocálicos e que a evolução posterior se dá ao longo do português *médio*, começando na segunda metade do século XIV e generalizando-se no XV. Portanto 1500 é a data limite de resolução destes encontros. A frequência da dupla vogal gráfica, com alguns exemplos antietimológicos, poderia estar a indicar que, nos casos de dupla grafia etimológica, exista já a crase. Seja como for, a ausência da alternância de formas do tipo *irmã* / *irmã* impede afirmá-lo de forma certa. O mesmo ocorre em relação ao valor fônico das grafias do tipo *animaes* etc. Trata-se de formas sistemáticas, não há alternância nos textos do tipo *animaes* / *animais*, que indique formas ditongadas. Por isso assume-se que os textos exibem um estágio prévio à ditongação, pois atuam da mesma forma. Esse idêntico comportamento faz com que este fenómeno da ditongação não permita estabelecer uma cronologia relativa entre eles.

À margem da fonética é preciso assinalar que na maioria dos casos em que são achados exemplos de duplas vogais antietimológicas, trata-se de palavras com variação de número, especialmente nos nomes terminados em <l> ou em travamento nasal:

Figura 2

Em (a) se nota que a grafia indica a não aplicação da regra que transforma VT em semivogal, constituindo o ditongo (*currais*, *leais*, *feis*, *sóis*); em (b) a grafia indica a não aplicação da regra de crase que fundirá a vogal do lexema e a VT (*barris*, *gentis*, *vis*); em (c) ocorre uma variação, documentada com frequência no período arcaico no sufixo *-vil/vel*, que resulta nos plurais variantes acima exemplificados. Embora não se tenha um estudo exaustivo sobre os alomorfes do plural no período arcaico, parece que o plural do tipo atual *perduráveis*, *estáveis* é posterior ao século XVI [Mattos e Silva 1994, 22].

Desta citação deduz-se o mesmo, não existem evidências nos textos de ditongação, só se pode postular um estado de língua antigo, com hiatos. Em relação as formas em <-

⁷⁶ Casos documentados em ambos textos: *boo*, *boos* <BONU-, *fea* <FOEDA, *hūu*, *hūus*, *hūa* <UNUS, -A, -UM, *infernaes* <INFERNALIS, *maa* <MALA, *meo* <MEDIU-, *pée*, *pées* <PEDE-, *poboo* <POPULU-, *seer* <SEDERE, *séestra* <SINISTRA, , *soo* <SOLU-, *soons* <SONU-, *teebras* <TENEBRA-, *vaã* <VANA, *viir* <VENIRE, *veer* <VIDERE, *voontade* <VOLUNTE-. Vejam-se as páginas 9-10 e 19-20.

vil>, muito mais frequentes em ALC_211, é possível interpretá-las como um sinal de maior antiguidade.

Figura 3

Sobre os lexemas terminados em travamento nasal, acham-se as formas etimológicas no singular e os plurais etimológicos esperáveis segundo o quadro anterior. Este facto confirma o que até agora foi dito: os dois textos reemitem para um estágio da língua antigo e ao se comportarem da mesma forma, também não permite este fenómeno, aventar uma cronologia relativa para eles.

Regressando ao âmbito da fonética um outro domínio de fundamental importância são as terminações nasais. No texto da *Visão de Túndalo* de ALC_462 existem indícios de confusão das terminações nasais <ã/an | õ/on>, especialmente, nas formas do imperfeito⁷⁷: *alçavõ* (a par de *alçavã*), *cantavõ* (e *cantavã*) *chamavõ* (mas também *chamavã*), *chegavõ* (e *chegavã*), *davõ* (em variação com *davã*), *deitavõ* (a par de *deitavã*), *estavõ* (em alternância com *estavã*), *filhavõnas*, (e *filhavã*), *lazeravõ* (em variação com *lazeravã*), *levantavõsse*, (e *levantavã*), *queymavõnas*, (a par de *queimavã*), *soprevõ* (alternando com *sopravã*) e *tomavõnas*, (a par de *tomavã*). Esta alternância entre grafias etimológicas e antietimológicas poderia estar a indicar o início da convergência no ditongo [ẽw̃] das terminações nasais *ã*, *an* <ANT, *õ*, *on* <UNT. Seja como for, resulta curioso que a alternância apareça de forma explícita no imperfeito, enquanto no presente, no perfeito, e nos substantivos (ANEM> *ã*, *an*, ONEM> *õ*, *on*), respeitam-se, pelo geral, as grafias etimológicas⁷⁸. O interesse desta secção assenta no facto de ser um dos pontos de divergência entre ambos textos, pois na versão de ALC_211 não são documentadas grafias antietimológicas em relação às terminações nasais⁷⁹.

No nível gráfico também existem alguns aspectos de contraste entre os dois textos. O texto de ALC_211 regista uma ortografia mais latinizante, *i.e.*, o emprego do <S> líquido: *sciencia*, *sta*, *stando*, *sperança*, *spantavil*, *sperando*, *stavan*, *streyta*; e a maior sistematicidade nas duplas grafias consonânticas: *peccados*, *peccador*, *affanaron*, *afficadamente*, *valle*, *panno*

Em relação à morfologia não se documentam em nenhum dos textos as formas do demonstrativo derivadas de IPSE>*esse*, *essa*, *esso* (>*isso*), portanto podemos considerar o sistema de demonstrativos das versões portuguesas da *Visão de Túndalo* como binário, já que

⁷⁷ A terminação etimológica para as formas do imperfeito é *ã/an* <(B)ANT, a alternância dá-se entre estas formas e as correspondentes ao perfeito *õ/on* <UNT.

⁷⁸ Vejam-se as páginas 11-12.

⁷⁹ Veja-se a página 20.

unicamente são documentadas as formas: *este, esta esto, estes, estas, aquel(e), aquello, aquell, aquella, aqueles, aquelas*. Ao coincidir ambos textos neste aspecto não é possível estabelecer diferenças entre eles.

Dentro da morfologia um apartado essencial para o contraste entre os textos de ALC_462 e ALC_211 é o das conjunções e advérbios. Interessam, especialmente, as formas próprias do período *antigo* que já não existem na língua moderna como são *ca, outrosy, er* e *al*. *Outrosy* aparece nos dois textos como advérbio de modo cujo significado é «da mesma maneira, igualmente»⁸⁰. Para as partículas *al, ca* e *er* Ana Maria Martins [2016, 17-18] estabelece uma cronologia a partir da sua frequência de aparição na *Demanda do Santo Graal* (cópia do século XV, mas que reflete a língua do original do século XIII) e no *Livro de José de Arimatea* (cópia do século XVI, mas totalmente inovadora) *Ca* documenta-se 2.258 vezes (com valor completivo, comparativo ou causal) na *D.S.G* e 137 (só com valor explicativo/causal) no *L.J.A*. Em relação aos nossos textos, enquanto ALC_462 conta com duas ocorrências da conjunção *ca*⁸¹, em ALC_211 documentam-se pelo menos 35 casos. É preciso dizer que todos os casos documentados desta conjunção (em ambos os textos) têm o mesmo valor: ligação causal de orações «*ca* = pois, porque» [Huber 1933, 287]. ALC_211 usa *ca* como conector causal de modo geral, enquanto ALC_462 apresenta variação de conectores: *bora, mas pero, que...* Neste aspecto, ALC_211 revela-se mais antigo. A partícula *er/ar* aparece na *D.S.G* em 146 ocasiões e não é documentada no *L.J.A*. Em ALC_462 documenta-se uma única ocorrência: «*e davã com ellas no fogo er sacavãnas do fogo*» [Nunes 1903, 251, l. 14], enquanto em ALC_211 documentam-se três: «*E desi er tiravannas do fogo*» [Esteves Pereira 1895, 103, l. 37-38], «*nen averas luz. nen alegria. mais sempre averas mal. Er disseron. por que tardamos mais*» [110, l. 14-15], «*nenhuma delas non ficava sem dampno. Er depois respirava e colhia folego*» [111, l. 7-8]. Mas o que aparece em ALC_462 quando em ALC_211 aparece *er*? A única ocorrência em ALC_462 «*er sacavãnas do fogo*» coincide com a primeira ocorrência de *er* em ALC_211 «*er tiravannas do fogo*», no resto das vezes que no texto editado por Esteves Pereira ocorre *er*: «*nen averas luz. nen alegria. mais sempre averas mal. Er disseron*» / «*non ficava sem dampno. Er depois respirava e colhia folego*», acha-se em ALC_462: «*mas sempre averas mal e tormẽtos. E outros dizião*» [Nunes 1903, 255, l. 37-38] / «*non avia hy nẽhũa q ficasse. E desi soprava e dava grande jnpado*» [256, l. 19-20]. *Al* conta com 115 ocorrências na *D.S.G* e 12 no *L.J.A*. Nos textos da *Visão de Túndalo* unicamente aparece documentado em ALC_211: «*En aquel mar jaziam bestas muitas e muy feas e de muitas maneyras e non stavan al sperando se non almas*

⁸⁰ «Consideramos que *assi* (< *ad sic*) : *outrossi* é um par de modais também de natureza dêitica. Equivalem a ‘nesta maneira’: ‘na mesma maneira’» Em Mattos e Silva (1994, 106).

⁸¹ Vejam-se as páginas 15 e 23.

que passassem. E tam fortes eram aquelas bestas que pareciam torres» [Esteves Pereira 1895, 105, l. 21-24], «*as hunbas dos pees e das maaons eram de ferro agudas e muy maas e assi ameaçavam a alma e movendo contra ela con seus aparelhos que tynhan con que atormentavan as outras almas que hyam ao inferno. Pero que al non podian fazer»* [110, l. 19-22], «*que tan nobre cousa como esta nunca a poderá veer a alma nen cuidar. E os rostros deles eran tan claros e tan fremosos assi como o sol claro aa hora de meo dia. e os cabelos deles eran tan claros e fermosos. que non parecian al se non ouro»* [115, l. 40-43]. Enquanto em ALC_462 é eliminado: «*Em este lago avya bestas espantosas q eram tam grandes q semelhavã torres»* [Nunes 1903, 252, l. 23-24], «*E hunbas de ferro cõ q estava ameeçãdo a alma. mas nõ lbe podyã enpeecer»* [255, l. 42-43], «*que non há homẽ no mũdo que os podesse contar. E aviã coroas douro nas cabeças que rresprandeciã como o sol. e tijnhã veeos douro e livros muy fremosos de letras douro»* [259, l. 15-18]. A maior frequência de *ca* e *er* em ALC_211 e a ausência de *al* em ALC_462 revela evidente a maior antiguidade do texto de ALC_211.

No que diz respeito à morfologia verbal ALC_462 e ALC_211, novamente, compartilham alguns aspectos, mas diferem noutros. Em ambos textos são documentadas formas do imperativo com conservação do <-d-> intervocálico, mas enquanto em ALC_462 aparece unicamente a forma *deidade*: «*e os outros dizã. deidade as cá*», em ALC_211, além dessa mesma forma «*dizian. deytadeas avã*», documentam-se: *recebede*, *sabede* e *vynde*.

Um outro facto importante em relação ao verbo, e comum nos dois textos, é a conservação da terminação em *-udo* para o particípio dos verbos da segunda conjugação. Uma vez mais em ALC_462 documenta-se um único caso de particípio em *-udo* (*derretudas*), enquanto também são documentadas as formas: *derretydas* e *metida*. Em ALC_211 se documentam até sete casos (*derretuda*, *conteídas*, *escondudo*, *metuda*, *sofruda*, *teudo*, *veuda*). Como já foi dito essa terminação em *-udo* (<-UTUM>), generaliza-se para os verbos da segunda conjugação no período *antigo*. Silva e Osório consideram a alternância entre as formas em *-udo* e *-ido*, um dos traços linguísticos que definem o português do século XIV [2008, 73-74].

Por último o estudo comparativo do léxico de ambos os manuscritos resulta à par de interessante, revelador.

Figura 4

Interessa, por um lado, a alternância de vocábulos do tipo *demoes*/*diaboos*, *seedã*/*cadeira*. Em ALC_211 a forma *demoes* aparece treze vezes, enquanto *diaboos* conta com cinco ocorrências. Em ALC_462 só se documenta *dyabóós*. Segundo o *corpus do português* criado por Mark Davies, ambas as formas são documentadas desde o século XIII, mas a forma *demoes*

começa a ser mais frequente a partir do século XV. Em relação aos itens *seeda* e *cadeira*, em ALC_462 ocorrem três vezes cada uma; em ALC_211 *seeda* documenta-se seis vezes e *cadeya* só uma. No *corpus* é possível observar a maior frequência de *seeda* durante o período *antigo*. Às vezes estas aparecem próximas às formas derivadas do verbo latino *sedeo* nos dois textos, no *corpus do português* registra-se a forma *sija* (no sentido de «estar sentado em uma cadeira»), quinze vezes no século XIV e duas no XV; e a forma *sijam* com três ocorrências no XIV e uma no XV (o *corpus* não registra itens para o século XIII). Por outro, as formas próprias da língua antiga compartilhadas por ambos textos: *apelidos* «alaridos», *asinha* «depressa» [ALC_462], *aginha* [ALC_211], *catar* «buscar, procurar», *coyta* «pena», *conhocentes*, *conhocia*, *covedo* <CUBITUM, *chantos* «choros», *gysa* «maneira, modo», *jnbigo* «umbigo» [ALC_462], *embygo* [ALC_211], *fermoso*, *fremoso*, *juso*, *molheres*, *sartaaees*, *suso* e a expressão *parou mentes* «com a mente parada, tranquila». Por último observa-se uma certa sistematicidade em ALC_211 na formação de palavras com o sufixo *-vil*: *cruevil*⁸², *duravil*⁸³, *perduravil*⁸⁴, *semelhavil*⁸⁵ e *spantavil*⁸⁶.

Em jeito de conclusão e a partir de tudo o referido anteriormente, isto é, dos rasgos comuns e das discrepâncias linguísticas mais relevantes entre os dois textos, como podem ser a grande quantidade de hiatos procedentes da síncope de consoantes intervocálicas latinas; um sistema de determinantes demonstrativos que se pode descrever como binário; no âmbito das terminações nasais procedentes das distintas etimologias observa-se que, enquanto ALC_211 não apresenta terminações antietimológicas, em ALC_462 existe certa instabilidade nas formas do imperfeito, pois se alternam grafias etimológicas e antietimológicas, o que pode ser indício do início da convergência das terminações nasais no ditongo [ẽw̃].

Também nos dois textos são documentados alguns participios em *-udo* e algumas formas do imperativo com conservação do <-d-> intervocálico, mas, novamente, em ALC_462 acha-se um único participio em *-udo* e uma única forma de imperativo com

⁸² «*Ca huun tormento muy cruevil e muy maao e muy negro nos sta sperando*» Em Esteves Pereira (1895, 106, l. 23-24), «*huñ atormentador muy negro e muy cruel nos esta sperando*» Em Nunes (1903, 253, l. 8-9).

⁸³ «*E desi chamavanna per seu nome mesmo. e saluavanna e louvavan muyto o nosso senhor deus que a livrara das penas. e diziam louvor seja a ti senhor. duravil Rey da gloria que non queres a morte do peccador*» Em Esteves Pereira (1895, 115, l. 25-28), «*e saluavã a alma per seu nome e diziam todos. Gloria seja a ty dada senhor padre poderoso que segundo a tua misericórdia quiseste livrar esta alma dos tormẽtos do inferno*» Em Nunes (1903, 259, l. 5-8).

⁸⁴ «*E por em sofreran algum tempo este vento e esta agua. e depois hiram aa folgura de deus perduravil*» Em Esteves Pereira (1895, 112, l. 8-10), «*sofrem esta pena algũ tempo. E depois iram aa gloria*» Em Nunes (1903, 257, l. 15-16).

⁸⁵ «*quero eu poer a minha seeda apar do altissimo e serey semeibavil a ele*» Em Esteves Pereira (1895, 11, l. 20-21) Estas são palavras que diz o próprio Lúcifer no texto de ALC_211, mas não aparecem em ALC_462.

⁸⁶ «*e tynha huun rabo asy grande que esa cousa muito spantavil*» Em Esteves Pereira (1895, 110, l. 39-40), «*e ayra rrabo grande e espantoso*» Em Nunes (1903, 256, l. 9-10).

conservação do <-d->. Não é precipitado afirmar que o texto de ALC_211 é, claramente, mais antigo do que o de ALC_462, já que também ocorrem com frequência (em ALC_211), as partículas características da língua antiga como são *al*, *ca* e *er*. Porém os rasgos de variação são limitados, o que faz com que não se possa afirmar uma diferença entre eles muito ampla. Assim ALC_211 representa um estágio da língua mais antigo, enquanto ALC_462 mostraria alguns casos de maior variação linguística, rasgo muito característico do português *médio*. ALC_211 exibe menor variação além de formas mais antigas, pelo qual, linguisticamente se corresponderia com um estado da língua mais antigo do que ALC_462. Poderia pertencer ALC_211 ao fim do período *antigo* ou ao início do *médio* e ALC_462 a um momento mais avançado, mas também dentro do período do português *médio*. A importância deste período é fundamental na história da língua portuguesa, pois é o momento da construção de uma língua diferenciada da falada ao norte do rio Minho, o português e o galego separar-se-iam definitivamente ao longo dos séculos XIV e XV.

INÉS VELÁZQUEZ PUERTO.

5. BIBLIOGRAFIA.

- ALI, Said, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, VIII edição revista e ampliada por Mário Eduardo VIARO, São Paulo: Melhoramentos, 2001.
- CASTRO, Ivo de, *Curso de História da Língua Portuguesa*, Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- DA SILVA NETO, Serafim, *História da Língua Portuguesa*, IV edição, Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- ESTEVES PEREIRA, Francisco Maria, «Visão de Túndalo», *Revista Lusitana*, 3, 1895 (pp. 97-120).
- FERREIRA DA SILVA, Jaime & Paulo Osório, *Introdução à História da Língua Portuguesa, dos factores externos à dinâmica do sistema linguístico*, Lisboa: Cosmos, 2008.
- HUBER, Joseph, *Gramática do português antigo*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.
- MARTINS, Ana Maria, «O português numa perspectiva diacrónica e comparativa», Em Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*, Berlim/Boston: De Gruyter, 2016 (pp. 1-39).

- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia, *O Português Arcaico, Fonologia*, São Paulo: Contexto, 1991.
- _____, *O Português Arcaico, Morfologia e Sintaxe*, São Paulo: Contexto, 1994.
- MUSSAFIA, Adolf, «Sulla visione di Tundalo», *Sitzungsberichte der Philosophisch-Historischen Klasse der Akademie der Wissenschaften*, 67, 1871 (pp. 157-206).
- NUNES, José Joaquim, «Textos antigos portugueses: A Visão de Túndalo ou o Cavalleiro Tungullo», *Revista Lusitana*, 8, 1903-1905 (pp. 239-262).
- _____, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, IX edição, Lisboa: Clássica Editora, 1989.
- SCRINIUM, «Visão de Túndalo», Accessível [aqui](#) [Última consulta 21-05-2020].
- WILLIAMS, Edwin B., *Do Latim ao Português*, tradução de Antônio Houaiss, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

6. ANEXOS/FIGURAS.

Época	Leite de Vasconcelos	Silva Neto	Pilar V. Cuesta	Lindley Cintra
até s. IX (882)	pré-histórico	pré-histórico	pré-literário	pré-literário
até ± 1200 (1214-1216)	proto-histórico	proto-histórico		
até 1385/ 1420	português arcaico	trovadoresco	galego- português	português antigo
até 1536/ 1550		português comum	português pré-clássico	português médio
até s. XVIII	português moderno	português moderno	português clássico	português clássico
até s. XIX / XX			português moderno	português moderno

Figura 1

Quadro pertencente à obra de Ivo de Castro [1988, 12], mas tirado do estudo de Mattos e Silva [1991, 19].

Sobre os lexemas terminados em <-

l>

(a) <i>-l</i> precedido de a, e, o, u	(b) <i>-l</i> precedido de <i>i</i> acentuado	(c) <i>-l</i> precedido de <i>i</i> não- acentuado
curras: <i>curraes</i>	gentil: <i>gentiis</i>	perduravil: <i>perduraviis</i>
leal: <i>leaes</i>	barril: <i>barriis</i>	– <i>perduravees</i> ,
fiel: <i>fiées</i>	vil: <i>viiis</i>	<i>perduravis</i> <i>perduraves</i>
sol: <i>soes</i>		estável: <i>estaviis</i> – <i>estavees</i> , <i>estavis</i> , <i>estaves</i> .

Figura 2

Quadro tirado da obra de Rosa Virgínia Mattos e Silva [1994, 22].

*Sobre os lexemas terminados em
travamento nasal*

(a) lexema em -ã+VT <i>o</i>	(b) lexema em -ã+VT <i>e</i>	(c) lexema em -õ+VT <i>e</i>
irmão: irmãos	pã/pan: pães	oraçõ/oraçon:
mão: mãos	cã/can: cães	orações
		coraçõ/coraçon:
		corações

Figura 3

Quadro tirado da obra de Mattos e Silva [1994, 22].

	<i>demoes</i>	<i>diaboos</i>	<i>seeda</i>	<i>cadeyra</i>	<i>cadeira</i>	<i>sija</i>	<i>sijam</i>	<i>jnbigo</i>	<i>embygo</i>
1200	1	15	4	/	7	/	/	2	/
1300	7	4	16	10	13	15	3	/	/
1400	19	71	84	45	95	2	1	/	/
1500	1	6	/	26	143			/	15

Figura 4

Dados extraídos do Corpus do português. Acessível [cá](#).